

IMPRESSO

## Rondon faz diagnóstico da Amazônia

Equipe da UFRGS, coordenada pela professora Rosinha Carrion, participou da fase de diagnóstico do Projeto Rondon no município de Tefé (AM).

Durante 15 dias do mês de janeiro, estudantes dos cursos de Administração, Ciências Biológicas, Farmácia e Geografia estiveram no interior do estado do Amazonas e tiveram contato com uma realidade pouco conhecida pela maioria dos universitários brasileiros.

Segundo a coordenadora da equipe, as condições de pobreza e abandono das populações com que o grupo da UFRGS se deparou foram chocantes: alta natalidade, baixíssima expectativa de vida, baixa escolaridade, ausência de vacinação, de tratamento de esgotos, de sistema de água potável. Tudo isso aliado a altos índices de desmatamento, problemas de geração de energia e mau uso de recursos públicos.

Para a professora, diante de tal quadro, “o sentido de brasilidade e a consciência de que a questão da Amazônia pertence a todos nós ficam extremamente exacerbados. Somos responsáveis pelo que acontece lá, ou por desconhecermos esta realidade, ou pelo nosso silêncio”, afirma.

– Página 3



Em relatório que será entregue ao governo federal, grupo integrado por quatro alunas descreve a riqueza e o abandono encontrados na Amazônia.

ROSINHA CARRION

### Pesquisas com células-tronco animam cientistas

No mês em que a Câmara dos Deputados aprovou o projeto da Lei de Biossegurança, graças à mobilização de cientistas e de entidades civis, os professores da UFRGS Patricia Pranke e Alcyr Oliveira falam sobre as aplicações das células-tronco no tratamento de doenças. – Página 5

### Cursos alternativos ampliam chances de alunos carentes

O Jornal da Universidade destaca quatro cursinhos, cujas disciplinas são ministradas por estudantes da UFRGS que atuam como voluntários. Iniciativas como essas existem desde a década de 60 e hoje constituem uma das principais formas de acesso de estudantes carentes à universidade pública. – Página 9

### Pequenos agricultores recebem apoio de alunos da Agronomia

No final do curso de Agronomia da UFRGS, os estudantes buscam compreender a realidade de pequenas propriedades rurais, previamente selecionadas. O resultado deste trabalho pode ser colocado em prática com a assistência da Emater. – Página 8

### Civilizações antigas sabiam como evitar catástrofes



RUALDO MENEGAT

Em seus estudos sobre geologia e processos civilizatórios, o pesquisador Rualdo Menegat sustenta que povos antigos erguiam suas cidades em harmonia com a estrutura do solo. Um exemplo pode ser encontrado nas ruínas da civilização inca, como no muro da cidade de Machu Picchu (foto).

Menegat diz que é necessária uma posição crítica em relação à ideia de que a globalização nos leva a um ancoradouro seguro, trazendo como exemplo a falta de cultura brasileira para enfrentar fenômenos como o furacão Catarina, ocorrido em abril do ano passado. – Página 4

### ENTREVISTA CAROLINE SILVEIRA BAUER

### Historiadora quer acesso aos arquivos da ditadura

Os movimentos surgidos em oposição à ditadura militar no Brasil tiveram motivações diversas. Da simples busca do retorno ao estado democrático pré-existente, como a tentativa de criar uma coluna a partir da região do Alto Uruguai, até a guerrilha do Araguaia, que visava à implantação do socialismo no Brasil. Mas a reação dos órgãos de repressão foi dura. Agentes do DOPS, da Polícia Federal e das Forças Armadas torturaram, mataram e fizeram desaparecer centenas de pessoas, utilizando métodos aprendidos na Escola das Américas, mantida pelos Estados Unidos no Panamá. Agora, a sociedade brasileira começa a mobilizar-se pela abertura dos arquivos da ditadura e pela punição dos culpados. A historiadora Caroline Sil-



RICARDO DE ANDRADE

veira Bauer faz parte de um movimento iniciado entre estudantes da UFRGS, onde agentes do DOPS se infiltraram durante a ditadura para espionar alunos, professores e técnicos-científicos. – Páginas 6 e 7

### CULTURA

#### Lançamentos da Editora da UFRGS

A partir desta edição, o Jornal da Universidade abre um espaço permanente para a divulgação das publicações da Editora. Os destaques do mês são: *A escola (in)visível: jogos de poder, saber, verdade*, de Marisa Eizirik e Denise Comerlato; *De mármore e de flores: a primeira greve geral do Rio Grande do Sul* (Porto Alegre, outubro de

1906), de Benito Bisso Schmidt; *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*, organizado por Lígia Chiappini, Maria Helena Martins e Sandra Jatahy Pesavento; e, *Um mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz*, organizado por Patricia Birman e Márcia Pereira Leite.

Os livros podem ser encontrados nas Livrarias da UFRGS. – Página 10

#### Mostra de filmes na Sala Redenção

A partir de 4 de abril, o Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE) exibirá 12 filmes estrangeiros na Sala Redenção, com entrada franca. Entre as produções, destaque para *Lugar Nenhum na África* (foto), que acompanha o drama de família alemã em uma cultura estranha. – Página 11



REPRODUÇÃO

## ESPAÇO DA REITORIA

## A Universidade que se renova

**JOSÉ CARLOS FERRAZ HENNEMANN**  
Reitor

Cada início de ano acadêmico representa uma renovação para a Universidade com a chegada de novos alunos na graduação, na pós-graduação e também com o retorno daqueles que já integram esta grande comunidade que é a UFRGS.

Por isso, estamos vivendo um período especial ao qual se acrescenta a perspectiva de grandes debates sobre a reforma da universidade brasileira. O Conselho Universitário, juntamente com o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, irá manifestar-se acerca do anteprojeto de lei que trata da reforma universitária, após o período de discussão desse documento nos diferentes setores da UFRGS. Mas para chegarmos a uma posição conjunta, esperamos contar com a participação efetiva e mais ampla possível de todos os professores, técnicos-administrativos e estudantes nos debates que vão ocorrer em cada unidade acadêmica e em todas as entidades representativas dos diferentes segmentos.

E é, sem dúvida, o início de mais um ano acadêmico, a hora mais adequada para que se promova essa importante discussão sobre a reforma universitária. É o momento em que se apresentam novos projetos, se retomam pesquisas e são elaborados planos para que continuemos sendo uma das mais importantes universidades públicas do Brasil na qualidade de sua produção e nas diferentes atividades de parceria com a sociedade.

## Novo semestre, outra universidade

**FELIPE P. KONRAD E RAFAEL SIMÕES**

Diretor Vice-Sul da UNE e Coordenador do CUCA-RS

Mais um semestre se inicia. Junto com ele, as expectativas em relação aos novos professores e disciplinas e o reencontro com os colegas. Para os calouros, a expectativa é redobrada, afinal de contas tudo é novo e os primeiros momentos na academia são inesquecíveis, pois é quando conhecemos nossos colegas, verificamos o local da nossa sala de aula, descobrimos onde fica o necessário RU, a biblioteca e as áreas de convivência da galera.

Também carregamos a responsabilidade de ocupar uma vaga pública num momento tão importante para as universidades: o debate da reforma do ensino superior brasileiro. Ser estudante hoje exige uma nova atitude, pois não poderemos deixar passar o bonde da história, tendo que cumprir um papel muito mais responsável do que simplesmente refutar propostas com palavras de ordem. Teremos que debater e elaborar acerca das propostas para garantirmos uma universidade mais democrática, com mais vagas e com a qualidade necessária para produção de ciência e tecnologia, capaz de contribuir para um Brasil desenvolvido e soberano.

Muitos debates, manifestações, paralisações deverão ocorrer para que consigamos, juntos, construir uma Reforma Universitária que direcione a educação do país nos rumos do desenvolvimento nacional, através de amplo financiamento ao ensino público, autonomia universitária, expansão com garantia de qualidade, avaliação do ensino superior e a consolidação do compromisso estratégico da universidade com um projeto de nação. A construção de um futuro diferente para você e para a Universidade Brasileira está em suas mãos! Participe.

## CULTURA E ARTE UNIVERSITÁRIA

A partir deste semestre, todos os estudantes contarão aqui na UFRGS com um CUCA da UNE. CUCA é o apelido de Centro Universitário de Cultura e Arte, que serve também para Circuito Universitário de Cultura e Arte. A palavra circuito remete a "movimento" e centro re-

Certamente todos ouviram falar da crise e das dificuldades da universidade pública brasileira. É neste momento que precisamos ter clareza de que esta instituição secular, para onde convergem todas as demandas sociais e científicas, deve estar sempre em transformação, acompanhando a dinâmica da própria sociedade.

Há que se destacar também outros dois aspectos de grande significado para a comunidade acadêmica: o enquadramento dos técnicos-administrativos em um novo plano de carreira, resultado da última greve da categoria, e a abertura de novas vagas para concurso docente neste semestre. É pertinente pensar sobre o que está reservado para a universidade pública e, especialmente, para a UFRGS em 2005. Mas a complexidade e a diversidade de frentes a serem atacadas não podem nos afastar da certeza de que, acima de tudo, esta é uma instituição que persegue a excelência acadêmica. E este objetivo deve materializar-se, no dia-a-dia, através do crescimento do número de pesquisas, da melhoria dos laboratórios e salas de aula, da busca de alternativas de permanência através de bolsas, que para muitos estudantes é a garantia de conclusão de um curso universitário, e do aperfeiçoamento de professores e técnico-administrativos.

Que tenhamos um excelente 2005, assim a UFRGS se renova através da participação e do compromisso de todos nós.

porta-se a "espaço". Movimento e espaço são então os eixos condutores do CUCA. Fomentar um movimento cultural dentro das universidades brasileiras, que estimule a interligação entre os diversos grupos artísticos e culturais instalados nessas instituições, e ter um espaço para a apresentação, produção e reprodução da arte universitária são os principais objetivos do CUCA. Mais do que isso: visa ser um espaço aberto, que se constitui na produção artística das universidades, mas que também se abre para a comunidade e para outras produções, sendo ainda um meio de interlocução entre universidade e comunidade.

A idéia do CUCA já surgiu em um processo ativo, vivo e mutante que é a Bienal de Cultura e Arte da UNE. Nasceu da necessidade de se criar um mecanismo para manter a produção cultural universitária articulada no intervalo de tempo entre uma bienal e outra. Estimular a comunicação entre estudantes de diferentes universidades e, ao mesmo tempo, mapear e centralizar as informações e as produções culturais de cada instituição com o objetivo de potencializar esta rica produção.

OCUCA é múltiplo e, por isso, da mesma forma atendeu à demanda de um espaço que pudessem ser organizado, com independência, pelos próprios estudantes e que valorizasse não só eventos (shows, exposições ou apresentação teatral), mas também a pesquisa, a discussão sobre cultura e políticas culturais e todo o processo necessário para chegar ao produto cultural final – formou-se assim o Centro Universitário de Cultura e Arte.

Formaremos comissões abertas nas áreas de teatro, artes visuais, cinema e vídeo, rádio, música e literatura para preparar as mostras, oficinas, debates, festas e demais atividades culturais e fazer do CUCA um potencializador da cultura universitária e um local de integração dos estudantes. O Espaço CUCA RS funcionará aqui na UFRGS no prédio Anexo II da Reitoria, sala 21, no Campus Centro. Apareçam! Boas vindas e bom semestre a todos.

## CHARGE

GERSON LOPES



## A Reforma do Ensino Superior Brasileiro: uma breve reflexão para incentivar o debate

**MERION CAMPOS BORDAS**

Professora da Faculdade de Educação da UFRGS

Aqueles que se constituíram profissionalmente há mais de trinta anos no sistema de ensino superior brasileiro e dele são constituintes, na verdade não são estranhas idéias e propostas relativas à reforma desse mesmo sistema, após a grande transformação promovida em 1968, que determinou o formato institucional até hoje observado. Traduzidas em discursos acadêmicos ou em proposições oriundas de setores governamentais, várias foram, nos anos 80, as tentativas de reformular objetivos e papéis da instituição universitária e até mesmo de estabelecer mudanças estruturais mais profundas. Pode-se dizer que de modo geral, não vingaram efetivamente nem foram objeto de grandes discussões, senão aquelas que diziam respeito à situação funcional dos docentes universitários, vitórias obtidas à força de mobilização e de várias greves históricas.

Lembro que a idéia de proceder-se a uma reforma da educação superior brasileira foi um dos cavalos de batalha do MEC, quando da gestão do governo FHC, mas não se concretizou, talvez muito devido à reação contrária de diferentes setores da área educacional, a começar pelos docentes e técnicos-administrativos das universidades federais que desconfiavam – e com razão – dos termos de uma proposta marcada pela doutrina neoliberal inspiradora do governo.

Eis que, no quadro de políticas de um novo governo, eleito em função de seu ideário historicamente contrário ao do antigo governo, o Ministério da Educação "ousa" apresentar um anteprojeto de reforma, cujo primeiro mérito salta de imediato aos olhos: a forma participativa e democrática com que o processo foi instaurado e está sendo conduzido. Há um processo de debate e discussão instalado no país, do qual a mídia escrita e mesmo televisiva é testemunho claro. Os verdadeiros duelos travados entre os que aprovam os termos da proposta e os radicalmente contra são evidência de que o anteprojeto carrega um potencial de mudanças no sistema, necessitando, portanto ser conhecido, avaliado, debatido por todos os envolvidos com a questão, especialmente aos mais diretamente envolvidos: docentes, estudantes, técnicos-administrativos pertencentes aos quadros universitários.

As diferentes e contrapostas manifestações que se seguiram à divulgação do anteprojeto, que aparentemente teria desagradado a gregos e troianos, nos incitam a uma imediata participação no debate nacional. Necessitamos

realizar uma leitura o mais possível isenta dos radicalismos que têm marcado, tanto manifestações contrárias daqueles educadores que fazem parte do que podemos chamar de setor da esquerda, que proclamam em alto e bom som o caráter privatista e terceirizante do projeto, quanto daqueles que representam realmente o setor privado, os detentores do lucrativo mercado em que se tornou a educação superior no país, como é o caso da manifestação sobre a imposição de "uma reforma soviética do ensino superior", do empresário Antonio de Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio (e paradoxalmente, ex-professor de Física da Universidade Federal do Espírito Santo), em matéria publicada no Jornal do Brasil de 18 de fevereiro.

Diante de alguns destemperos, do poder midiático do setor privado da educação superior e da escassa manifestação do mundo acadêmico, especialmente dos colegas da UFRGS, sinto-me instada a chamá-los ao debate e à exposição de suas idéias. Faço o chamamento sem petulância, ancorada no conhecimento que acumulei não só na trajetória acadêmica regular, mas, principalmente naquele adquirido como especialista de ensino que assessorou a SESU/MEC e ao INEP durante três anos, no governo passado, na função de avaliar e acompanhar a criação e o desenvolvimento de cursos superiores mantidos por entidades privadas. Posso testemunhar quão falhas foram as tentativas de controle do setor privado, não por incompetência das comissões avaliadoras, mas sim por seu escasso poder decisório à medida que as decisões finais quanto a autorizações ou credenciamentos ficavam na alçada da SESU e do Conselho Nacional de Educação. A precariedade do controle aliada à falta de vontade política de reverter o quadro de escandalosa privatização do ensino superior, que floresceu na década de 90 parecem poder ser minimizadas pelas proposições e exigências apresentadas no anteprojeto. Este é apenas um exemplo de porque, apesar de sua complexidade e de alguns pontos controversos nele contidos, considero ser o Projeto de Reforma um passo avante na melhoria da qualidade do ensino superior brasileiro. Não é por outro motivo que as forças reacionárias dos neoconservadores e dos mercantilistas a ele se opõem tão ferozmente. Vamos deixá-los "ganhar a parada"?



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS, CEP 90.046-900  
Fone: + 51 3316-7000  
homepage internet: www.ufrgs.br

## ADMINISTRAÇÃO

**Reitor**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Vice-reitor**  
Pedro Cezar Dutra Fonseca  
**Pró-reitor de Coordenação Acadêmica**  
Pedro Cezar Dutra Fonseca  
**Pró-reitor de Graduação**  
Carlos Alexandre Netto  
**Pró-reitora de Pós-graduação**  
Valquíria Linck Bassani  
**Pró-reitor de Pesquisa**  
Cesar Augusto Zen Vasconcellos

## Pró-reitor de Extensão

Antonio Carlos Stringhini Guimarães  
**Pró-reitora de Planejamento e Administração**  
Maria Aparecida Grendene de Souza  
**Pró-reitora de Recursos Humanos**  
Maria Adélia Pinhal de Carlos  
**Superintendente de Infra-estrutura**  
Darci Barnech Campani  
**Secretário de Assuntos Estudantis**  
Angelo Ronaldo Pereira da Silva  
**Secretária de Avaliação Institucional**  
Ana Maria e Souza Braga  
**Secretário de Educação a Distância**  
Julio Alberto Nitzke  
**Secretária de Desenvolvimento Tecnológico**  
Maria Alice Lahorgue  
**Secretário do Patrimônio Histórico**  
Christoph Bernasiuk  
**Secretário de Relações Institucionais e Internacionais**  
Paulo Gilberto Fagundes Visentini  
**Secretária de Comunicação Social**  
Sandra de Deus

## Coordenador de Educação Básica e Profissional

Aldo Antonello Rosito  
**Procurador-geral**  
Armando Pitrez  
**Chefe de Gabinete**  
João Roberto Braga de Mello

Jornal da  
Universidade

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS  
**Conselho Editorial** - Aron Taitelbaun, Eduardo Corsetti, Enno Liedke e Maria da Graça Bulhões

## REDAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar  
Fone/fax: (051) 3316-3368/3316-3176  
e-mail: jornal@ufrgs.br  
homepage: http://www.ufrgs.br/jornal

**Editor-chefe**  
Ánia Chala (interina)

## Editor-executivo

Ademar Vargas de Freitas  
**Secretária de Redação**  
Sandra Salgado  
**Repórteres**  
Clarice Siedler, Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres  
**Projeto gráfico**  
Anibal Bendati  
**Diagramação**  
Juliano Bruni Pereira  
**Fotografia**  
Luiz Ricardo de Andrade e Reni Jardim  
**Ilustrações**  
Gerson Lopes  
**Colaboraram nesta edição**  
Caroline da Silva e Bruno Almeida Ziliotto  
**Circulação**  
DSB Distribuidora Ltda  
**Fotolitos e impressão**  
Zero Hora  
**Tiragem**  
12 mil exemplares

# Projeto Rondon: relatório expõe as feridas da Amazônia

**SONIA TORRES**  
Jornalista

**Em janeiro, a equipe da UFRGS fez um levantamento da situação do município de Tefé (AM), que atualmente se encontra em estado de calamidade pública, decretado pelo governo federal. O resultado é um relatório contundente a ser entregue ao presidente da República em março.**

A equipe da UFRGS, selecionada para a fase de diagnóstico da nova edição do Projeto Rondon, realizou um trabalho de reconhecimento na cidade de Tefé, localizada no interior do estado do Amazonas, distante 516 km de Manaus, em linha reta, e 633 km por via fluvial. Na volta, muita coisa a fazer. Primeiro, colocar em relatório tudo o que foi constatado, para depois pensar nos projetos a implantar. O que viram só poderemos saber quando o trabalho for exibido em sua plenitude. Mas a professora Rosinha Carrion, coordenadora do grupo, e suas alunas adiantaram muitas coisas.

Chegar à localidade de Tefé, no coração da Amazônia, foi uma grande aventura. Além da coordenadora, as quatro estudantes, Beatriz Centenaro Hellwig (Administração), Cristiane Keller (Farmácia), Gabriela Broilo (Ciências Biológicas) e Michelli de Oliveira Schneider (Geografia), partiram da base aérea de São Paulo em um avião Hércules da Força Aérea, uma aeronave utilizada para combate. Viajaram seis horas, de São Paulo até Manaus, sem bancos e sem banheiro a bordo. Na opinião de Rosinha, um avião muito mais "impactante" do que desconfortável. Em terra, a equipe destaca a atuação do Exército Brasileiro, notadamente a 16ª Brigada de Infantaria de Selva, que deu apoio logístico ao projeto e atua como verdadeiro "anjo da guarda" na defesa das fronteiras brasileiras.

## CORRUPÇÃO X BRASILIDADE

Para Rosinha, a primeira emoção do Projeto Rondon, além da própria seleção para representar a UFRGS, foi o deslocamento e os trâmites na base aérea, como pesagem de bagagens e de pessoas até o momento do embarque. "Foi uma grande emoção chegar à floresta, olhar para baixo e ver aquela massa verde e ter a sensação de estar entrando em um novo



Carência da população surpreendeu equipe coordenada por Rosinha Carrion (foto abaixo).

pedaço de Brasil." De acordo com a professora, todos os momentos foram emocionantes. Mas o que mais marca, para quem chega, são os contrastes. Um lugar com tamanho potencial, com muita riqueza e ao mesmo tempo tão abandonado pelo poder público e apresentando largos sintomas de corrupção.

Segundo a coordenadora, há distorções no recebimento de auxílios, como o Fome Zero, em que a fonte pagadora fornece o valor menor do devido. Além disso, há problemas na forma como é realizado o registro do auxílio, com senha manuscrita e conhecida pelo agente pagador. Outra questão é o tratamento dado à infância. Tefé apresenta graves problemas sociais. Rosinha Carrion conta que é comum assistir a tristes cenas de crianças alimentando-se em lixões, onde também são despejados os restos hospitalares. Os urubus são presença constante e passeiam pelas praças como se fossem pombos. "Vendo isso tudo, o sentido de brasilidade e a consciência de que a questão da Amazônia pertence a todos nós ficam extremamente exacerbados. Somos responsáveis pelo que acontece lá, ou por desconhecermos essa realidade, ou pelo nosso silêncio", afirma.

O reconhecimento de que na ausência de um apoio agrícola efetivo do estado, este poderá



ser responsabilizado pela devastação da Floresta Amazônica; aliado à forma de operar dos agricultores desmatando áreas e reutilizando-as mais de uma vez para o plantio, faz surgir a pergunta sobre o porquê da falta de um apoio técnico eficiente. Para a professora, o mais chocante "é verificar que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), principalmente os que se referem à produção, podem não ser confiáveis". Rosinha cita o exemplo de informações fornecidas por um órgão oficial de fomento à produção do governo do Estado da Amazônia e encaminhadas para o atual prefeito de Tefé, no início do ano, que relatavam a situação de uma comunidade chamada Santo Isidoro. Nelas, há a afirmação textual de uma pujante agroindústria, provinda de um engenho de cana-de-açúcar lá existente, cuja produção estaria sendo comercializada para a Coca-Cola.

"Esta foi uma das comunidades que nós visitamos e vimos o que seria esse engenho. Na realidade, o projeto foi abandonado no ano de 2001, sem ser completado. A população plantou vários hectares de cana-de-açúcar, que nunca foram processados, já que o equipamento recebido era inadequado. Por falta de apoio, o projeto jamais decolou, e esses dados são computados como verdadeiros", relata a professora.

## Um dia de quatro rondonistas na selva amazônica

**Estudantes fazem relatos sobre situações marcantes durante sua estada em Tefé.**

"Foi o primeiro dia em que andei de voadeira, uma pequena embarcação, no estilo de uma canoa, mas com motor, o que garantia mais agilidade no transporte. Visitamos umas plantações



de mandioca de uma comunidade ribeirinha, acompanhadas por agricultores da região. A viagem foi maravilhosa, a água, como um espelho, refletia toda a imagem das árvores, o vento batia forte. Buscamos nossos acompanhantes e desembarcamos para uma longa caminhada. Andamos muito, no meio do mato, um grande calor, realmente vivendo a selva amazônica. Durante o percurso éramos surpreendidas por diversas frutas, os agricultores nos deram algumas delas, cortavam direto das árvores. Eles nos mostravam suas plantações e explicavam um pouco do processo produtivo. Foi um contato direto com a área rural da cidade. O dia finalizou com um delicioso banho de rio. Boas lembranças."

— BEATRIZ HELLWIG

"Era sábado, dia 22 de janeiro e acordávamos para mais um dia de trabalho. Neste dia visitaríamos uma comunidade ribeirinha afastada da cidade. A primeira visita a uma comunidade, pois só havia levantado dados na área urbana do município. Levamos 20 minutos numa viagem de helicóptero para chegarmos a Macari. Andando por lá e conversando com as pessoas, percebi que os problemas encontrados na cidade se tornavam muito mais graves nas comunidades rurais. A água era retirada diretamente do rio para beber, local onde eles lavam suas roupas, utensílios e tomam banho. Os homens haviam saído para pescar, estavam na comunidade somente os idosos, mulheres e crianças, todos descalços e maltrapilhos. Somente os mais novos estudam, pois na escola só há aulas até a 4ª série. O restante deve ir para a cidade de Tefé estudar, o que é praticamente impossível. Essa realidade chocante com que deparei, me fez perceber que a Amazônia é uma região da qual lembramos somente de suas riquezas naturais. Deixamos de lembrar algo muito importante: que lá habitam pessoas, com problemas e necessidades ainda maiores do que as nossas."

— MICHELLI DE OLIVEIRA SCHNEIDER



"Sábado, vinte dois de janeiro de 2005. A ansiedade é grande, pois vou andar de helicóptero pela primeira vez. Posso dizer que o vôo foi maravilhoso. Depois de meia hora de vôo, avistamos São Luis do Macari. Aterrissamos no campinho de futebol da comunidade, um pequeno descampado em meio à imensa floresta. No meio das árvores os habitantes nos olhavam curiosos, atentos aos nossos movimentos. Desembarcamos e nos aproximamos, conversamos e explicamos por que estávamos ali. Todos foram muito atenciosos e quiseram nos mostrar como eram as suas vidas. O que mais me impressionou nessa visita foi a situação de miséria em que vivem essas pessoas. As crianças com feridas espalhadas pelo corpo, o abdômen distendido, muitas delas descalças. O povo maltrapilho, vivendo em condições sub-humanas, mas nem por isso eles deixaram de ser generosos e de oferecer-nos tudo que sua mísera condição lhes permitia, como frutas, mudas de plantas e cuias. Foi um sentimento contraditório entre as boas emoções, por ter voado de helicóptero, e o lado ruim, pela situação de vida daqueles seres humanos."

— CRISTIANE KELLER



A situação se torna mais complexa ainda, quando aparece o alijamento da sociedade local. Segundo Rosinha, "nada que se faça naquela região terá condições de sustentabilidade se não houver ingerência da comunidade, porque uma sociedade civil que suporta o que vem acontecendo em Tefé, durante mais de 20 anos, revela a condição de submissão decretada pelo imaginário, forjado pela história do povo daquele lugar".

## O QUE FAZER

Com mais de 80 mil habitantes, a cidade ainda não tem um plano diretor, quando se sabe que ele é obrigatório para localidades cuja população ultrapassa os 20 mil. "Todo tipo de infrações contra a Constituição Federal são cometidas lá", diz a socióloga. Segundo ela, o desenvolvimento da consciência dos cidadãos, como instância de controle social, é condição necessária para conseguir a transformação desejada.

Se ainda não existe definição sobre o que fazer para reverter essa situação, pelo menos uma idéia já está bem clara para a coordenadora. "Os projetos que forem concebidos para Tefé não poderão ser megaprojetos, mas sim pequenos projetos", como por exemplo a implantação de hortas escolares de menor porte, com a participação de mães e alunos, objetivando a manutenção da merenda escolar, que lá não existe. Rosinha cita, também, a questão do artesanato local. "Fomos em várias comunidades e identificamos uma ou duas pessoas que ainda faziam certos tipos de artesanato riquíssimo. Se implantarmos imediatamente ações no sentido de salvar o artesanato que ainda existe na região e a memória cultural, nós vamos valorizar e desenvolver a auto-estima das pessoas, construindo cidadania e ao mesmo tempo estaremos conservando um patrimônio que, além disso, é uma fonte de renda."

Mas a socióloga ressalta que, se por um lado urge que o poder público assuma a região amazônica como prioridade nacional, por outro, é preciso ter cuidado com as soluções. Está tramitando no Congresso um projeto de lei sobre a gestão das florestas públicas para a produção sustentável, encaminhado em dezembro pelo Ministério do Meio Ambiente ao Presidente da República e que tem entre seus princípios de gestão o incentivo à diversidade industrial e ao incremento da agregação de valor. "Incentivar a agroindústria e promover ações que agreguem valor é importante, considerando-se a lógica econômica do governo federal. Porém, é fácil prever que os benefícios não serão equitativamente distribuídos com os trabalhadores", alerta.

"Em uma das noites de Tefé, após um dia de trabalho e calor, saímos com colegas do Projeto e, também, alguns militares. Fomos a uma danceteria chamada Tropical e nos posicionamos na pista de dança para aproveitar a música. Certo tempo depois, eu e outra colega precisávamos ir ao banheiro e saímos para procurar o local. Na porta do 'toilette' muitas meninas e mulheres aguardavam para entrar. Quando finalmente entramos, uma fezeense entrou conosco. Ali, havia uma pia e dois vasos sanitários, em condições de precária higiene, além do chão bastante molhado. Enquanto minha colega segurava a porta, fui utilizar um dos vasos sanitários, imaginando com meus pensamentos urbanos, que a moça iria utilizar o outro assento. Qual não foi nossa surpresa ao ver a moça agachar-se e urinar no chão, sem a menor cerimônia. Mais tarde, conversei com pessoas da cidade e concluí que essa é uma atitude normal lá. Foi então que me dei conta de onde eu realmente estava e de como as culturas e costumes são diferentes. A maioria das casas na cidade não têm banheiro, somente fossa. Por isso o costume de agachar-se para fazer as necessidades."

— GABRIELA BROILO

# “Ainda nos consideramos semideuses”

JACIRA CABRAL DA SILVEIRA  
Jornalista

**O professor Rualdo Menegat diz que catástrofes que aterrorizaram o mundo em 2004, como o tsunami, que deixou mais de 280 mil mortos na Ásia, demonstram o quanto o homem é frágil, embora ainda se considere indestrutível.**

Para o geólogo e professor do Instituto de Geociências da UFRGS, Rualdo Menegat, a grande dificuldade humana na atualidade é a de inscrever-se na história natural. Submerso em uma cultura virtual, este homem não tem olhos para perceber o lugar onde vive, relegando a segundo plano o saber que se constrói a partir desta apropriação da natureza da qual teima em não fazer parte. “A maneira como a civilização contemporânea se percebe no mundo, está nos levando ao desastre”, adverte.

Em seus estudos atuais sobre geologia e processos civilizatórios, Menegat desenvolve o conceito de matriz do lugar. É a idéia de que cada localidade no globo terrestre é definida pelos elementos paisagísticos determinados pela estrutura geológica deste local, configurando assim sua matriz. Segundo ele, essa matriz condiciona as possibilidades da cultura humana ao mesmo tempo em que a instrui. E como há diversidade de paisagens, é diferente o que se aprende sobre cada uma delas. Desta forma, aquilo que sabemos a respeito da natureza aqui do Brasil não é válido se formos morar, por exemplo, nos Andes.

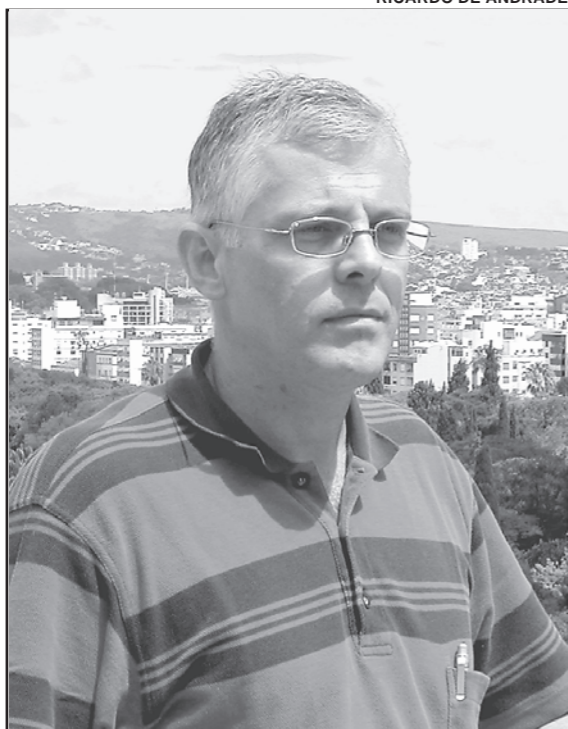
Mas esta lógica não está presente na ação do homem civilizado. Menegat critica a disseminação indiscriminada de um modelo homogêneo de cidade. Uma abordagem ocidental, que acaba por colocar em risco a sobrevivência de diferentes grupos culturais. Exemplo recente foi o que aconteceu na orla do Oceano Índico, lembra o geólogo. “Isso ocorre porque construímos nossas cidades sem considerar a matriz do lugar.”

Este conceito único de cidade faz parte de uma concepção global de cultura que, no entender do especialista, é muito perigosa porque não existe um ecossistema global no planeta Terra. Segundo ele, culturas são maneiras de apropriação de um determinado ecossistema, por isso existem tantas culturas, quanto ecossistemas. E a negação desta realidade provoca um grande debate: “As cidades contemporâneas estão em um perigoso processo que promove uma desculturação intensa em grandes contingentes urbanos. Como vamos proteger estes contingentes desculturados no caso de enfrentarmos catástrofes?”

Para enfrentar essa situação, Menegat diz que é necessária uma posição crítica em relação à idéia de que a globalização nos leva a um ancoradouro seguro. E traz como exemplo a falta de cultura brasileira para enfrentar fenômenos como o furacão Catarina, que atingiu o Rio Grande do Sul e Santa Catarina em abril de 2004. “Se o furacão estivesse 50 quilômetros mais ao sul e atingisse Porto Alegre, o que seria de nós?”, pergunta ele.

A advertência do professor baseia-se no exemplo de diferentes povos na história universal. Segundo ele, civilizações que se desenvolveram em locais inóspitos se deram melhor do que outras. Ele compara os egípcios, que tiveram como desafio as enchentes e aprenderam a lidar com elas, até porque eram previsíveis, aos gregos, que precisaram lidar com inesperados terremotos, erupções vulcânicas e tsunamis. “Foi o lugar que fez dos gregos, os gregos”, enfatiza.

RICARDO DE ANDRADE



Diferentes padrões construtivos integrados às rochas

RUALDO MENEGAT

## Escultores da natureza Os incas conheciam a matriz do lugar

A Cordilheira dos Andes, uma das regiões mais dinâmicas do planeta e com maior variedade de ecossistemas – vulcões, terremotos, tsunamis, El Niño, Corrente de Humboldt e escorregamentos – há 1.700 anos a.C. passou a ser o local escolhido pelos povos pré-incas e incas para erguer suas cidades de pedra. Durante dois meses, o professor e geólogo Rualdo Menegat, esteve observando como esta civilização, envolta em penumbras místicas na tentativa de explicar suas lendárias cidades, foi capaz de nascer em território tão inóspito.

“Quero mostrar que os incas possuíam um discernimento assombroso do lugar em que viviam”. Este estudo faz parte do trabalho de doutorado que Menegat vem desenvolvendo dentro da linha de pesquisa de Ecologia de Paisagem, do Departamento de Ecologia, no Instituto de Biociências, Geologia e processos civilizatórios – uma matriz do lugar para interpretar as cidades incaicas, Cuzco, Peru. A partir de suas observações, através de expedições ao longo dos caminhos percorridos pelos incas e de imagens por satélite, o pesquisador afasta as explicações místicas e atribui tal resultado construtivo à capacidade dos incas de desenvolverem conhecimento profundo sobre o ecossistema no qual estavam inseridos. “Esse é o logos incaico, porque faz com que eles tenham entendimento de que os fenômenos que os cercam estão relacionados com os fenômenos mais adiante”.

A primeira coisa que chamou a atenção da equipe de Menegat ao se aproximar da cidade de Cuzco, no Peru, foi que os incas ergueram num alinhamento tectônico (falhas geológicas), ligando a cidade ao lago Titikaka. Esse alinhamento é registrado no relevo como uma crista de montanha. Conta a história, que a origem da civilização incaica vai se deslocando do Titikaka para o norte. “Foram seguindo esse vale que está sobre um alinhamento tectônico”.

Menegat também constata que as cidades estão localizadas na confluência desses alinhamentos tectônicos. Longe de ser uma coincidência, o pesquisador afirma que os incas escolheram tais lugares porque eram capazes de ler as falhas geológicas. Eles sabiam que nas rachaduras, ao longo das rochas, ficava armazenada a água que escorria do degelo das montanhas nevadas, sendo distribuída pelo princípio da gravidade. “Por isso os incas temiam que o sol surgisse, pois o degelo não mais ocorreria”.

Escolhido o lugar, começavam a construção. Observando a geometria das pedras e rochas, eles chegaram à medida das coisas. Sabiam em que pontos da rocha deviam provocar o talho, respeitando as fraturas geológicas (falhas naturais). Com isto, além de facilit

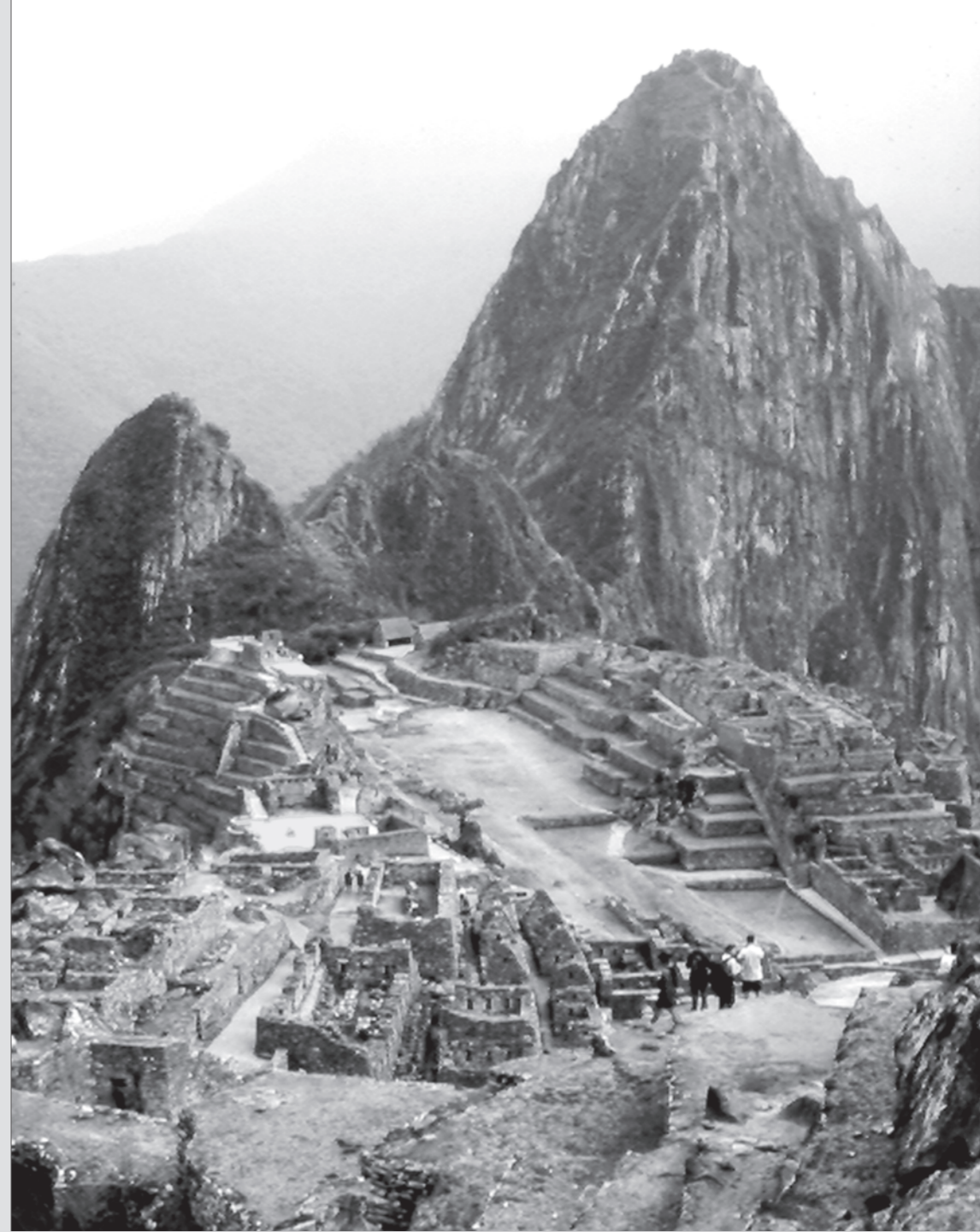
tar o trabalho, com os diferentes procedimentos de corte, chegavam a formas de cubos, formas irregulares e formas fractais. Esta variedade de blocos pode ser observada ainda hoje nas ruínas das cidades.

Além de cumprir uma função específica conforme o caráter da obra – usavam pedras mais regulares para os quartos do inca e irregulares para os muros dos canteiros – os blocos que eles produziam permitiam construções mais integradas às rochas. Com isso, os incas evitavam conseqüências mais desastrosas em caso de terremotos, provocados pelo rompimento destas falhas. “O padrão construtivo que deriva desta maneira de observar a natureza protegeu estes povos com relação aos sismos. É um conhecimento que eles foram adquirindo com as pedras.”

Para ilustrar o registro dos incas sobre o que aprenderam com as rochas, Menegat cita o chamado Trono dos Incas, que está em Ollantaytambo. Ele ficou surpreso com a sensação de desconforto ao sentar na rocha talhada, pois não correspondia ao padrão de conforto evidente em outras construções incaicas. Observando mais detidamente, percebeu que os braços e espaldar do trono coincidem com as orientações das falhas de Ollantaytambo. Segundo ele, o escultor foi lascando e, naturalmente, obteve aquele bloco, assim como a natureza vai lascando e resulta na forma fractal das montanhas. “E os incas fazem isto como se fossem escultores da natureza. Esse trono, na verdade, é um mapa das falhas de Ollantaytambo.”

RUALDO MENEGAT

Vista da cidade de Machu Picchu



# Células-tronco: empolgação e cautela

**ÂNIA CHALA**  
Jornalista

**O projeto da Lei de Biossegurança, recentemente aprovado pela Câmara, suscitou um grande debate entre diferentes setores da sociedade. Agora, a comunidade científica prepara-se para ingressar numa nova etapa de pesquisas.**

As pesquisas com células-tronco geraram muitas discussões, quase todas relacionadas ao uso ou não de células de origem embrionária. A aprovação da Lei de Biossegurança, no último dia 2 de março, fez crescer as expectativas quanto ao tratamento de doenças até hoje consideradas incuráveis, como Parkinson, Alzheimer e diabetes. Enquanto isso, alguns pesquisadores dão início a uma nova batalha: a implantação de bancos públicos de sangue de cordão umbilical como forma de incrementar as possibilidades de tratamento de algumas enfermidades, através da utilização das células-tronco presentes naquele material.

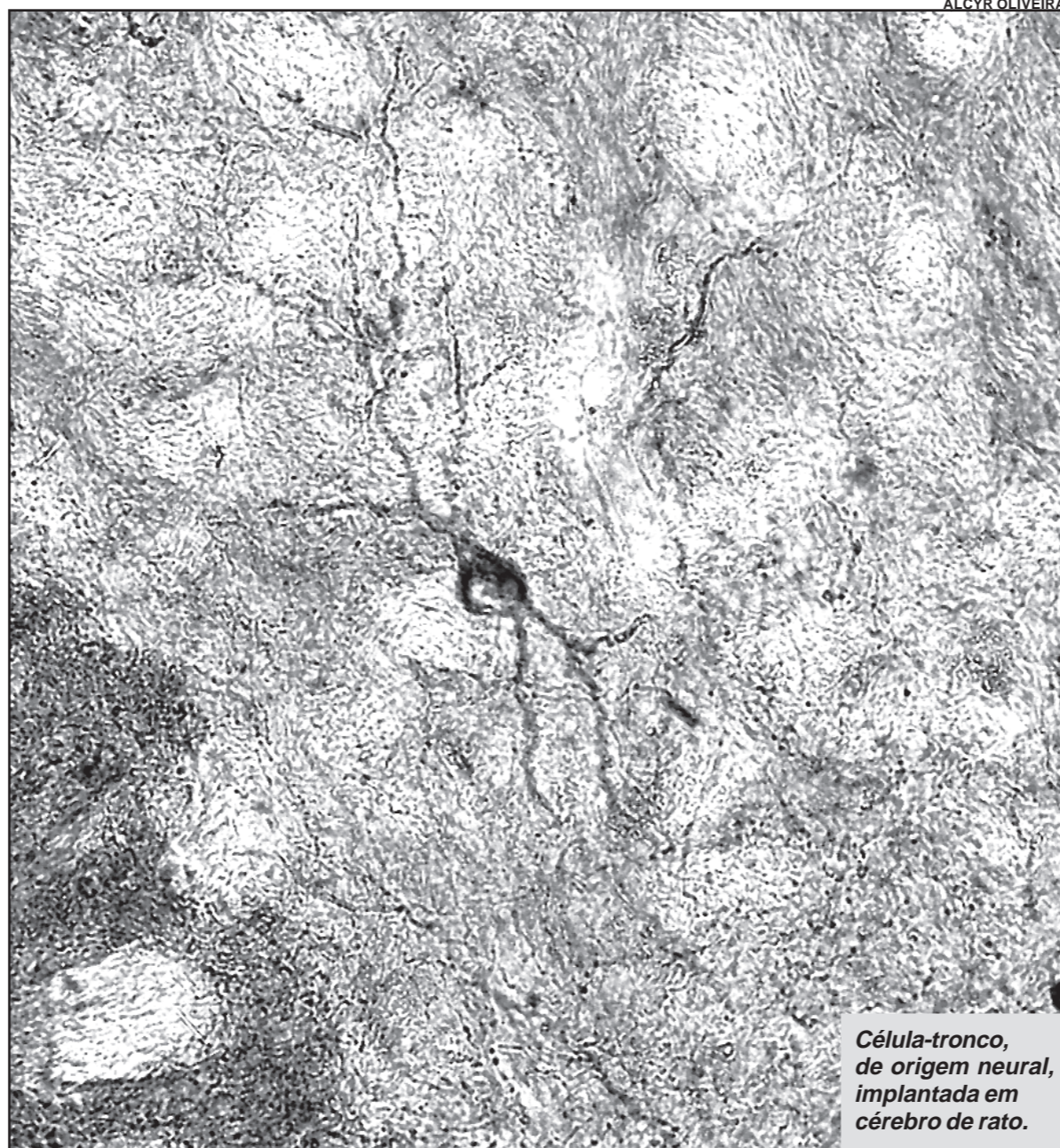
O JU conversou com dois professores da UFRGS que desenvolvem trabalhos com células-tronco para saber os motivos de tanta polêmica e até que ponto a nova legislação poderá facilitar o avanço das pesquisas.

Alcyr Oliveira, 41 anos, psicólogo graduado pela UFRGS com mestrado em Psicobiologia na USP de Ribeirão Preto e doutorado no Instituto de Psiquiatria na Universidade de Londres, atua, desde maio de 2003, como professor convidado no Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da UFRGS, realizando pesquisas sobre o uso de células-tronco para tratamento da doença de Alzheimer.

Patricia Pranke, 37 anos, é farmacêutica-bioquímica, professora de Hematologia da Faculdade de Farmácia e do Curso de Pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Medicina da UFRGS. Durante o doutorado, trabalhou no Laboratório de Células-tronco e no Banco de Sangue de Cordão Umbilical de New York. Retornou ao Brasil em 2002 e tem trabalhado em pesquisas com células-tronco de cordão umbilical. É diretora-presidente do Instituto de Pesquisas com Células-tronco, uma organização não-governamental independente que reúne pesquisadores da UFRGS, de universidades paulistas e representantes da comunidade.

## ENTENDENDO AS CÉLULAS-TRONCO

A professora Patricia Pranke explica que “as células-tronco têm a capacidade de se diferenciar em células que dão origem a diversos tecidos do nosso organismo e podem ser adultas ou embrionárias”. As primeiras conseguem diferenciar-se em vários tecidos e podem ser obtidas da medula óssea, da corrente circulatória e do sangue do cordão umbilical, mas também em outros órgãos, embora a obtenção seja mais difícil como no coração, fígado, sistema nervoso central, entre outros. Já as chamadas células-tronco embrionárias, também conhecidas como células-tron-



**Célula-tronco, de origem neural, implantada em cérebro de rato.**

co “verdadeiras”, conseguem se diferenciar em qualquer um dos mais de 200 tipos de tecidos, tendo grande capacidade de divisão celular. É o uso desse segundo tipo de células que vem causando toda a polêmica que envolve as pesquisas nessa área.

A pesquisadora salienta que as células-tronco embrionárias são formadas logo após a fecundação do óvulo pelo espermatozóide, quando começa a divisão celular. Até o terceiro dia após a fertilização essas células são totipotentes, isto é, cada uma delas é capaz de dar origem a absolutamente todos os tecidos do nosso organismo, inclusive os anexos embrionários. Quando essas células atingem o quarto ou quinto dia de desenvolvimento passam a chamar-se blastocistos, ou células-tronco pluripotentes. Esse conjunto de células tem o poder de formar os mais de 200 tipos diferentes de tecidos que temos no organismo, mas não pode gerar os anexos embrionários, como a placenta e o cordão umbilical.

Para Patricia é importante entendermos que quando os cientistas falam em células-tronco embrionárias para pesquisa referem-se às células que estão congeladas em clínicas de fertilização “que são muitas e jamais foram ou serão colocadas num útero. Elas foram criadas em laboratório para fazer uma fertilização assistida e são células excedentes”, complementa.

O Brasil tem hoje inúmeras clínicas de fertilização assistida, e os embriões excedentes são congelados. O professor Alcyr Oliveira afirma que isso incomoda os cientistas porque “se aquelas células não são utilizadas para tratamento de fertilização poderia-se, no mínimo, usá-las para tentar entender os mecanismos que regem seu desenvolvimento e suas funções. Esse é um material muito rico e, enquanto no Brasil fazemos leis que restringem o campo, outros países reduzem esses bloqueios. O que acontece é que ficamos para trás”.

Em países como a Inglaterra, o Japão e a Coreia do Sul, as potencialidades das células-tronco estão sendo amplamente pesquisadas e, o professor teme que o país tenha que pagar royalties por uma tecnologia que nós mesmos podemos desenvolver, se não ficarmos atados demais pela lei.

De acordo com Alcyr, as células-tronco têm potencial para serem usadas em todos os sistemas onde ocorra destruição tecidual, como por exemplo nos traumatismos de medula espinhal. Essas células também poderão ser usadas para o tratamento de doenças que afetam as funções cerebrais como, doença de Alzheimer, de Parkinson, de Huntington, ou ainda lesões tóxicas, ou causadas por acidentes... Segundo ele, “há um grande potencial dessa tecnologia, e a chamo assim

porque até que conheçamos bem as funções dessas células iremos usar muita tecnologia, oriunda da Biologia celular e molecular, da Neurologia da Psicologia, enfim, das neurociências em geral”.

## BANCO DE CORDÃO UMBILICAL

Uma das melhores fontes de células-tronco adultas é o sangue do cordão umbilical fato que tem levado pesquisadores, como a professora Patricia Pranke, a defenderem a criação de bancos públicos para armazenamento desse material.

As células do cordão umbilical têm diversas vantagens em relação às da medula óssea, tanto que países como o Japão praticamente substituíram o transplante de medula pelo de sangue de cordão umbilical. A principal delas é a disponibilidade ilimitada e imediata de material, sem necessidade de corrida em busca de um doador compatível e com todos os exames de segurança já tendo sido feitos. A pesquisadora assinala que outra vantagem é o baixo índice de rejeição, pois “enquanto na medula óssea, dependendo da etnia, há chances de encontrar um doador entre 20 e 40 mil pessoas; no cordão umbilical esse número cai para algo em torno de um doador para cada quatro ou cinco mil pessoas”, diz ela.

Finalmente, o conceito de banco público implica em que o doador não precisa se preocupar em congelar seu próprio sangue, porque haverá um grande número de amostras suficiente para que toda a população possa encontrar um doador compatível. Patricia revela que já foram feitos mais de seis mil transplantes no mundo utilizando sangue de cordão umbilical e, segundo as estatísticas, apenas cinco casos de uso de células do sangue de cordão umbilical da própria pessoa. “Precisamos entender o banco de sangue de cordão umbilical exatamente como se fosse um hemocentro. Inclusive, na grande maioria das doenças em que o transplante de células-tronco é indicado, como nas leucemias ou em doenças genéticas, não se pode usar o sangue do cordão umbilical da própria pessoa, pois a doença já está presente neste sangue. O melhor é usar o sangue de cordão de uma outra pessoa, que foi doado ao banco, desde que seja compatível. Por isso, a pessoa não precisa se preocupar em congelar o sangue de cordão umbilical de seu próprio filho e nem se o seu material for doado a outra pessoa”, afirma a pesquisadora.

Patricia, diretora de uma ONG que lutou pela aprovação da Lei de Biossegurança, e esteve em Brasília durante a votação da matéria, afirma que a criação de bancos de sangue de cordão umbilical impulsionalaria o avanço das pesquisas com células-tronco. Ela acrescenta que o governo federal, através do Ministério da Saúde, lançou o projeto BrasilCord, cuja proposta é justamente abrir alguns bancos públicos de sangue de cordão umbilical em pontos estratégicos do país para cobrir uma grande diversidade genética. “Estamos, inclusive, trabalhando para criarmos um banco desses aqui no Rio Grande do Sul”, diz a professora. Dizendo-se cautelosamente otimista com a liberação das pesquisas, ela acredita que foi dado o sinal verde para o trabalho da comunidade científica.

## Entenda a polêmica

Questionada sobre se a pesquisa com células-tronco embrionárias resultaria na destruição de embriões, Patricia Pranke esclarece “que sim, as células seriam destruídas. Porém, o conceito de embrião é algo dúbio, pois assim como alguns consideram sua existência a partir do momento da fecundação do óvulo; outros, adotam o termo somente após a implantação das células no útero. E há ainda uma terceira linha de pensamento que somente passa a usar o termo embrião após o 14º dia, porque é a partir desse momento que começa a produção das células que compõem o sistema nervoso central”. Os defensores dessa última posição baseiam-se no critério de morte encefálica para doação de órgãos, considerada um ato nobre e altruísta na maioria dos países ocidentais. Atualmente, o óbito é confirmado somente quando a maioria das células do sistema nervoso central permanece inativa. Portanto, se a morte do sistema nervoso central é considerada o fim da vida, então o início dela deveria ser quando esse sistema começa a se desenvolver, o que só acontece após o 14º dia.

A Lei de Biossegurança dispõe sobre a utilização das células que tenham sido produzidas com o objetivo de fertilização assistida e que sejam excedentes ou consideradas inviáveis para a implantação em um útero. Esse material não poderá sofrer manipulação genética e será aproveitado em pesquisas somente mediante autorização dos

pais. “Há todo um cuidado para que essas células não venham a ser comercializadas. A clonagem reprodutiva continua absolutamente proibida e penso que qualquer pesquisador sério do mundo é contra esse procedimento”, afirma a professora, que participou da elaboração da lei assessorando os parlamentares em Brasília.



**“Precisamos entender o banco de sangue de cordão umbilical como um hemocentro”.**

## Ciência e universidade

Alcyr Oliveira defende a segurança, a paciência e a calma com esta tecnologia dizendo que “não devemos sair por aí alardeando que vamos curar todas as doenças do coração ou isquemias. Por outro lado, não podemos tirar as esperanças dos pacientes. O importante é saber exatamente o que fazer para dar segurança às pessoas e isso também é uma questão ética”. Quanto à disputa entre os cientistas que defendem o uso de células adultas ou embrionárias, afirma situar-se no meio do caminho entre esses grupos, pois para ele o que importa é que as células-tronco sejam capazes de tratar alguma coisa.

Patricia Pranke, por outro lado, acredita que vivemos numa democracia e precisamos ouvir a opinião de todos: “A questão é que estamos lidando com um conceito muito delicado que é o de quando afinal começa a vida e precisamos, de forma democrática, ver o que é melhor para a sociedade. Ninguém está falando em produzir células para pesquisas. Queremos simplesmente utilizar aquilo que vai ser jogado no lixo”. Para ela, parece um destino mais digno permitir que essas células sejam usadas em pesquisas que possam salvar vidas no futuro.

Na UFRGS, segundo Alcyr Oliveira, as pesquisas com células-tronco para implantes estão ainda em estágio inicial e têm sido desenvolvidas graças à colaboração de professores, como Nance Nardi e Diogo Souza. Para ele, “é tarefa dos professores e pesquisadores diminuir os entraves à multidisciplinaridade. A universidade deveria

promover essas colaborações, pois o resultado seria que todos poderiam produzir mais. Mas as coisas aqui na UFRGS estão melhorando e em outras universidades brasileiras, como a USP, a UFRJ e a UFMG também”.



**“É tarefa dos professores e pesquisadores diminuir os entraves que dificultam o diálogo”**

## CAROLINE SILVEIRA BAUER

## “A sociedade tem o direito de saber o que aconteceu durante a ditadura militar”

RICARDO DE ANDRADE

A professora e historiadora Caroline Silveira Bauer, 22 anos, mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, faz parte de um grupo que não tem nome, mas tem uma determinação: trabalhar pela abertura dos arquivos secretos da repressão durante a ditadura militar (1964-1985). Ela passou a se interessar pelo assunto há cinco anos, na mesma época em que foi instalado o Acervo da Luta Contra a Ditadura Militar no Rio Grande do Sul, onde trabalhou como voluntária durante seis meses. Essa questão a acompanhou durante o Curso de História, concluído no início de 2004, quando começou o mestrado. Na dissertação que pretende defender em março do ano que vem, a pesquisadora enfoca a repressão no Estado, particularmente a ação do Departamento de Ordem Política e Social, através de casos exemplares: espionagens, prisões, torturas, desaparecimentos e mortes. Alguns dos casos que estudou se passaram dentro da UFRGS, onde agentes do DOPS se infiltravam para controlar estudantes, professores e técnico-administrativos. No início de janeiro – numa mesa do Bar do Antônio, antigo Bar da Filosofia, ou Bar da Filô, no Campus Central – Caroline conversou sobre o assunto com o jornalista Ademar Vargas de Freitas. A entrevista foi complementada com outra conversa, no início de fevereiro, no mezanino do Salão de Atos.



**JORNAL DA UNIVERSIDADE** – O que te levou a estudar os crimes cometidos pela ditadura militar, se não tens familiares envolvidos em nenhum dos lados e sequer viveste aqueles tempos conturbados?

**CAROLINE BAUER** – Acho difícil apontar apenas uma causa, mas uma coisa que sempre me moveu foi o sentimento de justiça, onde há injustiça, onde há impunidade eu estou sempre envolvida. Apesar de não ter vivido essa época, tomei conhecimento dos fatos através de professores e familiares. O que fizeram durante a ditadura, assim como o que fazem agora, não esclarecendo os fatos, não é nem um pouco digno. Acredito que foi por isso, e também pela minha responsabilidade social como historiadora e como professora. Tenho que passar adiante essas informações, a sociedade, especialmente as novas gerações, precisa saber do que aconteceu durante a ditadura militar.

**JU – Tens idéia da briga que estás comprando?**

**CB** – Claro. Estou comprando uma briga pela verdade, pela justiça, e luto por essa causa. Pretendo continuar minhas pesquisas e ficarei muito feliz se elas forem refutadas com a abertura dos arquivos da ditadura. Quanto mais tomo conhecimento do que aconteceu, mais aumenta a minha vontade de continuar lutando pelo esclarecimento da verdade. Temos um compromisso com as pessoas que sofreram esses tormentos, que morreram, que estão desaparecidas. Elas lutaram por um ideal, que é a construção de uma sociedade mais justa, e essa luta não pode ter sido em vão, esse ideal deve ser levado adiante.

**JU – Como se chama o movimento de que participas?**

**CB** – O grupo inicial dos interessados na abertura dos arquivos da ditadura achou que o movimento não deveria ter um nome. Até porque já existe um movimento de familiares dos mortos e desaparecidos. A luta dos familiares pelo esclarecimento da morte ou desaparecimento de seus filhos, pais, irmãos, irmãs, maridos, namoradas é anterior e concomitante ao processo da Anistia no Brasil (1979), começou ainda no período da ditadura. Então, procuramos fugir a qualquer tipo de rótulo. Mesmo o nosso manifesto está sendo apresentado como um texto público, para quem quiser se apropriar dele. Quanto mais pessoas se envolverem nessa causa, melhor.

**JU – Como começou esse movimento?**

**CB** – Começou aqui dentro da UFRGS mesmo, entre estudantes das Ciências Humanas interessados no tema. Passamos a nos encontrar e a nos articular, tendo em vista a importância de promover a abertura dos arquivos. Depois afixamos cartazes pelos campi, e o movimento se espalhou. Conseguimos congregamos alunos de outros cursos, alunos de cursinhos pré-vestibulares e até mães e pais de estudantes. Primeiro, fizemos debates e discussões entre a gente mesmo. Depois buscamos contato com a Comissão dos Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e procuramos o apoio da Comissão do Acervo da Luta Contra a Ditadura.

**JU – Houve um evento na UFRGS também?**

**CB** – Sim, em dezembro do ano passado, fizemos um evento na Sala Redenção, aqui no Campus Central, em que procuramos esclarecer o que são os arquivos da repressão e qual a sua importância para a sociedade. Na ocasião, mostramos um vídeo com os depoimentos de três professores expurgados da UFRGS, Luiz Carlos Pinheiro Machado, Carlos Maximiliano Fayet e Cláudio Accurso. E um grupo de alunos do Curso de História tocou músicas da época (de Chico Buarque de Hollanda a Geraldo Vandré). Em outra ocasião, o grupo de atores da Terreira da Tribo, declamou poemas escritos por Carlos Marighella, guerrilheiro urbano morto pela repressão em São Paulo em 1969.

**JU – Qual foi o teu primeiro contato com documentos da repressão?**

**CB** – O primeiro contato foi no Acervo da Luta contra a Ditadura, que se formou a partir da documentação reunida durante a CPI da Espionagem, criada pela Assembleia Legislativa do Estado, em 1991, para investigar denúncias de que a Segunda Seção da Brigada Militar estava fazendo espionagem política. Isso, em 1989/1990, quando não haveria mais necessidade dessa prática, já que a ditadura tinha acabado em 1985. A CPI descobriu que nas delegacias regionais da Polícia Civil no interior do Estado havia documentos da época da ditadura. Esses papéis foram trazidos para Porto Alegre e ficaram sob a guarda do Arquivo Público até 1999, quando o então governador Olívio Dutra criou a Comissão que deu origem ao Acervo.

**JU – O que contém esse Acervo?**

**CB** – Além da documentação das SOPS (sedes do DOPS no interior do Estado), contém uma parte dos documentos e dos fichários do DOPS, documentos de acervos particulares, depoimentos, fotos, recortes de jornal, além de processos trazidos por advogados de presos políticos. Essa documentação está à disposição do público no Acervo, que está dentro do Arquivo Histórico, no Memorial do Rio Grande do Sul, instalado no antigo prédio dos Correios, na Praça da Alfândega.

**JU – Nesse estudo conhecestes pessoas que estavam do outro lado, do lado da repressão?**

**CB** – Conheci, só que indiretamente. Nunca tive oportunidade de ouvir essas pessoas, até porque elas também não se mostravam muito dispostas a falar. Mas, durante o período em que trabalhei no Acervo, tomei conhecimento de que diversas pessoas estiveram lá para dar testemunho em favor da ditadura.

**JU – Tiveste acesso a outros acervos sobre a ditadura militar?**

**CB** – Sim, conheço alguns acervos. O volume da documentação guardada no acervo do Rio Grande do Sul é considerado pequeno em relação ao da documentação do DOPS do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em São Paulo tem cerca de dois milhões de fichas, aqui temos duas mil. Na verdade, a documentação da região Sudeste foi melhor preservada que a nossa. Em Campinas (SP) tive acesso aos inquéritos policiais militares (IPMs) que eram julgados pelo Superior Tribunal Militar e agora fazem parte dos arquivos do “Brasil Nunca Mais”.

**JU – Como é que esses documentos foram preservados?**

**CB** – Durante a ditadura, os advogados dos presos políticos podiam ficar 24 horas de posse dos processos, para fazer a montagem da defesa. Nesse período, eles conseguiam tirar cópias. São mais de 700 processos abertos no país inteiro.

**JU – Podes citar alguns?**

**CB** – Sim, há, por exemplo, o IPM sobre a tentativa dos estudantes Cláudio Gutierrez e Luiz Eurico Tejera Lisboa de reabrir o grêmio estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Nesse inquérito, consta todo o trabalho de investigação da Polícia Civil e das Forças Armadas no levantamento de informações, na tomada de depoimentos. Luiz Eurico entrou para a clandestinidade e foi morto pela repressão em São Paulo, em 1972. A polícia tentou forjar um suicídio. Tem IPMs que envolvem as organizações clandestinas, como o POC, Partido Operário Comunista, e a VAR-Palmares.

## “É preciso localizar os arquivos dos expurgos na UFRGS”

**JU – Existe no Acervo alguma documentação relativa aos expurgos de professores da UFRGS ocorridos em 1964 e 1969?**

**CB** – Sobre a UFRGS o que se encontra, às vezes, são relatos de informantes sobre reuniões do movimento estudantil na Casa do Estudante ou dentro da Universidade, inclusive aqui no Bar do Antônio, onde estamos, que antes era chamado de Bar da Filosofia, ou Bar da Filô. Eles espionavam a atuação de grupos clandestinos dentro da Universidade, a infiltração e a tentativa de arregimentar pessoas para esses grupos. Sobre isso, há bastante informação, mas sobre os expurgos na UFRGS só tem o testemunho dos três professores expurgados que já citei. É preciso localizar os arquivos do expurgo, saber para onde foram remetidos, se continuam dentro da Universidade ou não.

**JU – Algumas pessoas supõem que esses documentos estão sendo guardados por algum dos professores expurgados.**

**CB** – Acho muito difícil, porque os professores acusados não tinham acesso nem a seus próprios processos, não era apresentada nenhuma prova contra eles, não tinham direito à defesa. Os expurgados só ficavam sabendo de suas demissões através dos jornais ou do Diário Oficial. Junto com a abertura dos arquivos das Forças Armadas, do Serviço Nacional de Informações (SNI), da Polícia Federal e do DOPS, queremos saber também dos documentos sobre a repressão na Universidade. Foram 34 os professores expurgados da UFRGS, mas outros professores se demitiram em solidariedade.

**JU – E em relação a alunos e a técnicos-administrativos perseguidos?**

**CB** – É muito difícil precisar o número de alunos e de técnicos prejudicados. Muitos alunos atuantes tiveram a matrícula recusada ou foram obrigados a abandonar seus cursos. Com o golpe de 1964, a primeira medida dos militares foi implantar uma “operação limpeza”, ou seja, retirar das repartições públicas aquelas pessoas que eles julgassem capazes de subverter a ordem estabelecida por eles e de “comprometer os ideais da revolução”. O primeiro ciclo de expurgos começou já em 1964, quando dispensaram sumariamente funcionários e proibiram a matrícula de alunos suspeitos de ter idéias subversivas. Mas eram acusações sem provas e, em geral, muito vagas: tem pensamento de esquerda, tem engajamento social, usa camiseta vermelha.

## “Estima-se que mais de 400 pessoas tenham sido mortas pela ditadura”

**JU – Existe uma estimativa de quantas pessoas foram mortas e desaparecidas durante a ditadura militar?**

**CB –** Reconhecidos pelo governo são 150 casos, mas as organizações de direitos humanos acreditam que mais de 400 pessoas tenham sido mortas ou desaparecidas. Pode não parecer um número muito grande frente ao número de mortos e desaparecidos na ditadura argentina, chilena ou uruguaia, mas o terror e a repressão não podem ser medidos pelo número de mortos e desaparecidos.

**JU – A mobilização pela abertura dos arquivos da repressão também está em andamento em outros países sul-americanos.**

**CB –** Certamente, apesar de ainda não terem sido abertos os arquivos desses países, no Chile os militares estão reconhecendo sua culpa e na Argentina os torturadores estão sendo julgados e condenados. Infelizmente, no Brasil isso ainda não ocorreu, devido ao “espírito de conciliação” que foi inculcado na Lei de Anistia, segundo a qual todos são absolvidos, torturadores e torturados.

**JU – A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva trouxe alguma esperança para os familiares dos mortos e desaparecidos?**

**CB –** Sim, eles achavam que se Lula chegasse ao poder os arquivos seriam abertos. Afinal, ele liderou o movimento sindical no final dos anos 70 e início dos 80 e esteve preso no DOPS de São Paulo. Essa esperança aumentou com o anúncio do Ministério, com nomes como José Dirceu, Dilma Rousseff, que tiveram participação na resistência à ditadura, e como Gilberto Gil, que em 1970 esteve preso, juntamente com Caetano Veloso. Achavam



RICARDO DE ANDRADE

também que Lula fosse revogar a medida provisória que FHC assinou no último dia de seu governo, ampliando os prazos de liberação de documentos da Lei de Salvaguarda de Documentos.

**JU – O que dizia a Lei de Salvaguarda?**

**CB –** Dizia que os documentos classificados como reservados poderiam ser abertos cinco anos após terem sido produzidos, os confidenciais seriam abertos em dez anos, os secretos em vinte anos e os ultra-secretos em trinta anos. Mas a medida provisória de FHC ampliou esses prazos: os documentos reservados só seriam publicados em dez anos; os confidenciais em vinte anos; os secretos em trinta anos e os ultra-secretos em cinquenta anos. E ainda permitia renovar indefinidamente o prazo dos documentos ultra-secretos. Ao assumir, Lula poderia revogar essa medida, mas não o fez. Pelo contrário, transformou-a em decreto. Somente com a divulgação das fotos do suposto Herzog e com

a pressão da sociedade civil, o decreto foi alterado, voltando os prazos anteriores.

**JU – Então, há documentos que já podem ser abertos.**

**CB –** Sim, com o decreto que está em vigor, todos os documentos reservados, confidenciais, secretos ou ultra-secretos produzidos até 1974 podem ser abertos, pois já se passaram trinta anos. Já deveriam estar abertos ao público, por exemplo, os arquivos da Guerrilha do Araguaia (1970-1974), um dos episódios mais obscuros e secretos da ditadura. Só que a comissão interministerial criada no ano passado para analisar esses documentos até agora não se manifestou.

## Americanos, franceses e alemães ensinaram a torturar

Muitas das técnicas de tortura usadas pelas ditaduras latino-americanas são resultado de estudos e experimentações vindos de fora, explica Caroline. Especialmente dos Estados Unidos, que tiveram influência nos golpes de estado na América Latina a partir da década de 60, tanto política quanto tecnicamente. Isso tem a ver com a questão política dos anos 60 e 70, durante a Guerra Fria, quando EUA e URSS disputavam o domínio ideológico sobre a América Latina.

Os EUA temiam a disseminação da Revolução Cubana (1959). E, para garantir o domínio ideológico da região diante do “perigo de comunização”, criaram a Escola das Américas, no final da década de 50, no Panamá, onde treinaram militares do Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil, ensinando técnicas de interrogatório e tortura. Também enviaram professores de tortura à América do Sul, um dos mais famosos foi Dan Mitrione, morto pelos Tupamaros, no Uruguai, em 1970.

“Mas, a colaboração dos EUA com as polícias da América Latina é anterior até mesmo à ditadura militar”, explica a historiadora. Ela afirma que, já na década de 40, o Rio Grande do Sul mantinha convênio com o FBI, que chegou a fornecer material de escuta telefônica à polícia gaúcha. O gravador de rolo doado pelo FBI está exposto no Museu da Polícia Civil.

Se é notória a participação dos EUA nos golpes e na repressão, muita gente ignora que também houve a colaboração da França. “Os franceses repassaram para as polícias latino-americanas as técnicas de tortura desenvolvidas durante a Guerra da Argélia, que se assemelhava ao tipo de guerra de guerrilhas que poderia se instalar aqui.”

As organizações de defesa dos direitos humanos estudam a contribuição de militares nazistas no desenvolvimento de técnicas de tortura na Argentina. “Após a derrota de Hitler na Segunda Guerra Mundial, muitos oficiais das SS e das SA migraram para o Cone Sul da América do Sul, e há suspeitas de que tenham contribuído com técnicas de repressão durante a ditadura militar argentina, quando foram montados campos de concentração e até campos de extermínio.”

## “Os documentos podem ter sido microfilmados”

**JU – Esse episódio de queima de arquivos, mostrado pela Rede Globo, demonstra que, ao contrário do que as Forças Armadas vêm declarando, os arquivos existem.**

**CB –** Exatamente. As Forças Armadas são uma entidade muito fechada. Até mesmo os arquivos da Guerra do Paraguai, que aconteceu no século 19, continuam retidos. Mas está sendo provado que os arquivos existem, e que alguns estão sendo destruídos para que não se conheça seu conteúdo.

**JU – Já houve queima oficial de documentos?**

**CB –** Sim, há registros na imprensa. Por exemplo, no dia 27 de maio de 1982, funcionários do DOPS encheram dois caminhões com os documentos acumulados desde a criação do DOPS e os levaram para uma olaria da Brigada Militar, em Gravataí, onde foram queimados.

**JU – Esses documentos podem ter sido microfilmados?**

**CB –** Sempre se suspeitou que essa documentação tivesse sido microfilmada. A polícia pode mudar de um regime para outro, mas o seu modo de agir não muda. Ela precisa de informações para agir e nunca vai jogar informações fora. Então, não é possível que esses documentos tenham sido queimados sem que tenham sido tiradas cópias. Há testemunhos de diversas pessoas de que os documentos da ditadura foram microfilmados antes de serem queimados.

## Tortura era usada também para disseminar o medo

Caroline diz que é angustiante ouvir depoimentos de pessoas que foram torturadas. “O primeiro sentimento é de incredulidade, é difícil acreditar que o ser humano seja capaz de tanta barbárie, mas depois a gente conclui que isso fazia parte de uma lógica do estado terrorista, que tinha efeito multiplicador: o medo se espalhava entre familiares, amigos, colegas e vizinhos.”

Os métodos de tortura eram variados: agressão direta, pau-de-arara, choque elétrico, afogamento com mangueira, ingestão de gases do cano de descarga das viaturas.

Conforme relatos uma prática usada era pendurar o prisioneiro num helicóptero que dava rasantes sobre a superfície do Guaíba, de maneira que sua cabeça roçasse a água do lago.

A portas fechadas, um instrumento muito usado era a “maricota”, espécie de telefone de campanha acionado por manivela que produzia corrente elétrica. Era só ligar os fios aos dedos do prisioneiro, da prisioneira. Ou enfiar esses fios nos ouvidos, na uretra, na vulva, no ânus.

Situações vexatórias e abuso sexual contra as mulheres também eram comuns, assim como a tortura psicológica. Por exemplo: produzir falsas execuções, levar os filhos até a prisão para verem os pais sendo torturados ou obrigar um homem a torturar a própria companheira.

## O CASO DAS MÃOS AMARRADAS Um corpo boiando no Rio Jacuí

Um dos casos mais notórios de tortura e morte no início da ditadura – que a professora Caroline Bauer está analisando – é o do sargento Raimundo Soares, preso pelo DOPS em 1966. Na época, Porto Alegre estava por receber a visita do marechal Castello Branco, o primeiro dos mandatários da ditadura, e o sargento carregava panfletos que deveriam ser distribuídos à população durante a visita.

Depois de permanecer algum tempo preso no DOPS, ele foi levado para a Ilha do Presídio, no meio do Guaíba. Em cartas à esposa, contou que foi barbaramente torturado. No dia 25 de agosto, seu corpo apareceu boiando no Rio Jacuí, com as mãos amarradas às costas. A versão oficial dizia que ele tinha sido liberado no dia 13 de agosto e que tinha sido morto pelos próprios companheiros num ato de justificação.

O que se acredita é que ele continuou detido ilegalmente e que durante uma sessão de afogamento acabou morrendo por causa de um “acidente de trabalho” provocado pelos torturadores. A Assembléia Legislativa abriu uma CPI que apontou integrantes da Polícia Civil, do DOPS e das Forças Armadas como responsáveis pela morte do sargento. Mesmo assim, e apesar da grande repercussão na imprensa, nenhum dos responsáveis foi punido, nem preso, nem afastado do cargo.

## O CASO LUIZ EURICO LISBOA O primeiro desaparecido a ser localizado

Em 1967, os estudantes secundaristas Cláudio Gutierrez e Luiz Eurico Tejera Lisboa, acusados de tentarem reabrir o grêmio estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, que tinha sido fechado pelo diretor, foram julgados e absolvidos por falta de provas. Mas, eram considerados “perigosos demais” para serem deixados em liberdade, e o DOPS falsificou a data limite para entrar com recurso, conseguindo que os dois fossem a novo julgamento em 1969.

Julgados à revelia, foram condenados a seis meses de prisão. Então, preferiram entrar na clandestinidade a serem presos. Luiz Eurico, que já estava casado com Suzana, sua colega do Julinho e de militância, entrou para Ação Libertadora Nacional (ALN), adotando o nome falso de Nelson Bueno. Suzana o acompanhou. Em 1972, as forças de repressão o localizaram numa pousada em São Paulo. Seu quarto foi invadido e ele foi morto com um tiro na cabeça. Os executores deram alguns tiros no ambiente para forjar um tiroteio, colocando um revólver em cada mão de Luiz Eurico e chamaram o IML para fazer o levantamento. Versão apresentada: suicídio.

Mesmo na clandestinidade, Suzana Lisboa, iniciou uma luta pela localização do marido. Depois de sete anos de busca, encontrou o nome Nelson Bueno numa lista do cemitério de Perus, em São Paulo. Houve a exumação e comprovou-se que a ossada era de Luiz Eurico. Em 29 de agosto de 1979, dia em que foi promulgada a Lei de Anistia, Suzana tornou público o esclarecimento do primeiro caso de um militante político desaparecido no Brasil. Na vala clandestina onde ele foi encontrado, havia restos de mais quatro militantes. O cemitério ficaria famoso por receber corpos de desaparecidos da ditadura.

Luiz Eurico foi enterrado em Porto Alegre. Seu nome foi dado a uma rua da cidade e inscrito no monumento aos gaúchos mortos ou desaparecidos durante a ditadura, na esquina da Avenida Ipiranga com a Avenida Edvaldo Pereira Paiva (um dos professores expurgados da UFRGS). Também foi editado um livro – “Condições ideais para o amor” – com seus poemas e fotos, e com depoimentos dos companheiros sobreviventes. Mais tarde a família recebeu indenização.

Mas para Suzana Lisboa, essa história ainda não terminou. Mais do que receber indenização, os familiares dos mortos e desaparecidos querem que o Estado reconheça sua culpa e que os responsáveis sejam julgados e punidos. O companheiro de luta de Luiz Eurico, Cláudio Gutierrez, permaneceu durante muito tempo na clandestinidade, circulou pela América do Sul, viveu um tempo na Bolívia e hoje mora em Porto Alegre. Luiz Eurico era irmão do cantor e compositor Nei Lisboa.

## O CASO ARÉBALO O feitiço vira contra o feitiço

Luiz Alberto Pinto Aréballo tinha 17 anos e era filho da empregada do delegado Pedro Seelig, a figura mais importante da repressão no Rio Grande do Sul na época da ditadura. Ele costumava fazer o trabalho de *office-boy* para o padrinho, que além de duas atividades no DOPS era tesoureiro da Sociedade dos Moradores do Bairro Cristal, onde residia.

Um dia, Aréballo confessou que andava desviando parte do dinheiro que deveria depositar no banco. Seelig resolveu aplicar-lhe um corretivo, dar um susto, para que aprendesse a não mexer no que não era dele. E levou o afilhado para o seu local de trabalho, no Palácio da Polícia.

Era o dia 30 de janeiro de 1973. Aréballo morreu no Sanatório Partenon, no dia 8 de fevereiro. Tinha dificuldade para respirar, sentia pontadas nas costas e, de vez em quando, vomitava sangue. Mais tarde, foi comprovado que ele morreu de pneumonia, causada pelo acúmulo de água nos pulmões, o que indica que o corretivo que lhe aplicaram foi o afogamento, técnica de tortura que usa uma mangueira para obrigar a pessoa a ingerir água pelo nariz ou pela boca.

A Assembléia Legislativa instaurou uma CPI para averiguar como um menor é levado para a Polícia Civil; como a estrutura pública é utilizada para fins pessoais; e como um menor morre sob a custódia de uma instituição policial. Na mesma época em que a CPI concluiu que o delegado Pedro Seelig era o principal responsável pela morte de Aréballo, o diretor do DOPS foi agraciado pelo Exército com a Medalha do Pacificador, condecoração oferecida a civis que tenham prestado serviços à segurança nacional. E ficou por isso mesmo.



RICARDO DE ANDRADE

# Alunos de agronomia auxiliam agricultores

**Os alunos de final de curso da Agronomia estudam e buscam soluções para pequenas propriedades rurais gaúchas. Durante um semestre, eles interagem com agricultores, técnicos da Emater e autoridades locais do município selecionado como objeto de estudo para a disciplina Planejamento Integrado de Uso da Terra.**

Sônia e Erno Röhsig, além de administrarem a propriedade em Colinas, a 120km de Porto Alegre, dividem seu tempo com duas paixões. Ela tem orgulho das flores que cultiva na antiga casa de bonecas das três filhas, que hoje estão formadas e não moram com eles. E ele dedica boa parte do tempo à sua horta, pesquisando novas mudas ou conduzindo as visitas a uma conversa entre os canchais. Mas, a cada ano que passa, fica mais difícil gerenciar a produção de toda a propriedade, por isso Sônia manifesta o desejo de aposentarem-se como agricultores.

Não muito longe das terras dos Röhsig, vivem os Prediger. Os antepassados alemães de Ricardo e Eladir chegaram à região em meados do século XIX. Depois do casamento, continuaram vivendo na propriedade dos pais de Eladir. Hoje, Ricardo é quem está à frente da administração, e o casal de filhos vive fora. A garota estuda em Frederico Westphalen, e o rapaz trabalha em Lajeado. A preocupação atual de Ricardo é com o tratamento dos dejetos da criação de suínos. Em vias de obter a licença, ele tem dúvidas sobre como elaborar um projeto adequado que atenda às exigências da Secretaria Municipal de Agricultura.

Longe de ser o relato de dois casos fictícios como outros tantos propostos aos estudantes de Agronomia ao longo de sua formação, estas propriedades fizeram parte do exercício profissional assistido, realizado durante o segundo semestre de 2004, como atividade de final do curso de Agronomia da UFRGS. Durante esse tempo, duas turmas de cerca de 15 estudantes procuraram entender a dinâmica das propriedades e suas aptidões agrícolas; a realidade social e econômica da região; e como vivem e o

que desejam seus proprietários.

“Nesta última disciplina, buscamos fazer com que o aluno faça a costura dos conhecimentos obtidos nas várias áreas, como solos, nutrição, fertilidade, produção, fitotecnia, botânica. Tentamos dar um fecho ao curso numa abordagem de interação com a comunidade, com a extensão rural, com todos os segmentos do município”, explica o diretor da Faculdade de Agronomia, Gilmar Arduino Bettio Marodin, após a apresentação dos trabalhos finais dos grupos, em cerimônia especial no Centro Comunitário Católico do município de Colinas, próximo a Gramado, na zona rural gaúcha, em dezembro de 2004.

Na ocasião, compareceram autoridades locais, como o prefeito e secretários do município, o representante da Emater, do Ministério da Agricultura, de entidades sindicais, além dos proprietários das terras estudadas e agricultores vizinhos. Ao final de cada apresentação, aplausos e as palavras de reconhecimento daqueles que receberam os estudantes: “Eles suaram muito”, observou Erno Röhsig. Tanto os proprietários, como prefeito e Emater receberam o trabalho impresso e um CD com todas as informações coletadas e desenvolvidas pelos grupos.

## DE CARA COM A REALIDADE

“Nós estamos enfrentando hoje no Rio Grande do Sul – e acho que no Brasil inteiro também – uma situação muito peculiar. O pessoal mais jovem está saindo da propriedade rural, ficando só os mais velhos. Esta situação gera um crescente problema de mão-de-obra”. Não só a aptidão agrícola da propriedade, mas também questões de ordem social devem ser levadas em consideração pelos alunos na hora do estudo e da proposta de atividades, enfatiza o professor e agrônomo Luiz Fernando Coelho de Souza, um dos idealizadores da disciplina.

É justamente o confronto com esta realidade um dos principais aprendizados, como confirmam os alunos. Cláudia Hofmeister Litvin, uma das integrantes do grupo que trabalhou junto à propriedade dos Prediger, diz que ao longo do curso se fazem projetos fictícios. “É tudo mais fácil porque a água está ali do lado e é limpa; o mercado busca a produção na porta da casa do



Famílias Röhsig e Prediger ouvem sugestões sobre suas propriedades.

produtor e paga por isso. Mas aqui não é assim. Aqui tem que jogar com tudo isto”, comenta.

João Paulo Silveira, colega de Cláudia, lembra também o jogo de cintura que precisaram ter para realizar o levantamento das características da propriedade junto aos agricultores. Não foi por falta de entrosamento, tanto um grupo como outro foi muito bem recebido pelos proprietários, mas a dificuldade está em chegar num sistema de produção já em andamento: “Tem leite, tem feijão, suínos, cana, mandioca. Essa diversidade é um complicador, embora característico deste tipo de propriedade”.

Mas a sensação de chegar “de pára-que-das” é amenizada com a paciência e a troca de experiência com o agricultor dono da terra. Segundo Adriano Alves da Silva e Fernando Pajara, ambos do grupo da propriedade dos Röhsig, o contato com o agricultor resulta em aprendizado: “Na verdade, muita coisa que a gente aprende em sala de aula, acaba tendo empecilhos na prática”. Eles recordam as conversas com Erno Röhsig, que não obteve sucesso com diferentes alternativas para o seu plantio. “O importante é observar e ouvir o agricultor”, concluem.

Mesmo reconhecendo que a experiência pro-

porcionada pela disciplina dá mais segurança para encarar o mercado de trabalho, Adriano e Fernando criticam a falta de verba para realizarem maior número de análises necessárias ao estudo das condições da propriedade. “Nós queríamos ter feito análise da água dos rios e dos córregos. Mas isso só foi possível com a água da pia da família e com a água servida aos animais”, lamentam.

Tanto um grupo como outro concordam que é pouco tempo para dar conta do trabalho. Cláudia comenta que o que ameniza este problema dos prazos é a diversidade de interesses dos membros do grupo. Assim, é possível uma divisão das tarefas. Entretanto, observa: “É difícil fazer com que num grupo de 15 pessoas todas atinjam um mesmo ritmo de trabalho”.

Neste sentido, o diretor da Faculdade ressalta que, em 2005, o currículo da Agronomia entrará em nova fase de discussão em função das alterações das diretrizes curriculares do governo federal. “Embora seja cedo para dizer como ficará o currículo, a tendência é a valorização cada vez maior de atividades como as desenvolvidas pela disciplina de Planejamento Integrado de Uso da Terra”, adianta Marodin. (JCS)

## Empossada nova diretoria da Adufrgs

Com muitas propostas e um plano de ação recheado de idéias voltadas para a defesa da dignidade do docente e da universidade pública, assumiu a nova diretoria da Associação de Docentes da UFRGS (Adufrgs) para o biênio 2004/2006. As eleições deram vitória para a chapa 1, “Adufrgs propositiva e de luta”, que tem o professor Eduardo Rolim de Oliveira (foto), do Instituto de Química, como presidente, seguido pelos professores Cláudio Scherer (Instituto de Física), como 1º vice-presidente; Lúcio Hagemann (aposentado), 2º vice-presidente; Zuleika Carretta Corrêa da Silva (aposentada), como 1ª secretária; Mauro Silveira de Castro (Faculdade de Farmácia), 2º secretário; José Carlos Freitas Lemos (Faculdade de Arquitetura), 1º tesoureiro; Marcelo Abreu da Silva (Faculdade de Agronomia), 2º tesoureiro; Regina Rigatto Witt (Escola de Enfermagem), 1ª suplente e João Vicente Silva Souza (Colégio de Aplicação), como 2º suplente.

O professor Eduardo Rolim de Oliveira é bacharel e mestre em química e doutor em farmacocinética. Professor adjunto do Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química, atua no ensino de graduação e pós-graduação.

A associação estará comprometida com a defesa de uma universidade pública, gratuita e de qualidade, propondo a mobilização permanente dos docentes com a finalidade de garantir sua manutenção e expansão. “Reconhecemos que nessa luta a Associação deve sempre, além de interagir com o Andes (Sindicato Nacional), articular-se com as instituições, entidades e movimentos sociais, comprometidos com os mesmos fins”, ressalta o novo presidente.

Também o fortalecimento da Adufrgs e do Sindicato Nacional será uma questão contemplada pela gestão e, para isso, a proposta da entidade é de que os docentes participem ativamente das discussões sobre as reformas universitária, sindical e trabalhista. (ST)



RENI JARDIM

## Fernando Zawislak recebe título de universidade cubana

Em dezembro do ano passado, o professor Fernando Claudio Zawislak, do Instituto de Física da UFRGS recebeu da Universidad de La Habana, em Cuba, o título de Professor Convidado como reconhecimento por seus cinco anos de colaboração com os pesquisadores do Instituto de Materiales y Reactivos da Faculdade de Física daquela instituição.

Aos 70 anos, completados em fevereiro, e, portanto prestes a ser aposentado compulsoriamente por uma legislação que ignora a capacidade de trabalho de pessoas na sua faixa etária, o professor disse que o título foi uma grata surpresa e que a cooperação desenvolvida com a universidade cubana já resultou na publicação de vários trabalhos e teses de doutorado. “É um projeto muito interessante e útil para os dois lados, pois eles possuem bons pesquisadores, mas não dispõem da infraestrutura que temos aqui”, comenta.

A cooperação com a Universidad de La Habana teve início em 1999, quando pesquisadores da área de física experimental entraram em contato com o Laboratório de Implantação Iônica. No final de 2004, foi aprovado um acordo de cooperação entre o CNPq e o Ministério de Ensino Superior de Cuba que, nos próximos três anos, possibilitará o intercâmbio de pesquisadores entre a universidade cubana e a UFRGS.

Tendo ingressado na UFRGS em 1954 como estudante de graduação, o professor dedicou-se ao ensino e à pesquisa. Foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Física, titular da Academia Brasileira de Ciências, chefe de pesquisa do Instituto de Física e esteve à frente do grupo envolvido no projeto do Laboratório de Implantação de Íons, inaugurado em janeiro de 1983 no Campus do Vale.

A implantação iônica é uma técnica em que se modificam os materiais, implantando um átomo de um determinado elemento numa amostra de outro tipo obtendo-se, assim, novos materiais. “O nosso laboratório produz novos materiais nas áreas de polímeros, de



RICARDO DE ANDRADE

semi-condutores, em metais e nas células solares, com as quais trabalhamos com o pessoal de Cuba”, esclarece o pesquisador. Outro exemplo de utilização da implantação iônica está num trabalho de doutorado, que prevê a melhoria das cerâmicas utilizadas nas próteses dentárias buscando adaptá-las às qualidades de dureza e desgaste do dente natural.

Apesar do Laboratório de Implantação não ser formalmente aberto ao uso nacional e internacional, o professor Zawislak acredita que, de fato, ele o é: “Nós recebemos pesquisadores de várias universidades nacionais e do exterior e temos uma interação muito forte principalmente com países da Europa. Acho que essa é uma das funções da Universidade que o grupo de Implantação Iônica está realizando”.

Em 2005, Ano Internacional da Física, o Laboratório completará 25 anos de atividades e a data será comemorada com um *workshop*, previsto para o segundo semestre. (AC)

## 2005 é o Ano Mundial da Física

A oportunidade de celebrar o centenário do ano que mudou para sempre a história da ciência levou a União Internacional de Física Pura e Aplicada (IUPAP) a declarar 2005 o Ano Mundial da Física (*World Year of Physics - WYP2005*). Em 1905, Albert Einstein enviou para publicação cinco artigos: um sobre *fótons*, dois sobre *movimento browniano* e dois sobre *relatividade especial*, que demonstravam as idéias revolucionárias sobre questões fundamentais do então jovem de 26 anos.

Um dos principais objetivos do WYP2005 é chamar a atenção do público em geral, e em especial dos jovens, para a importância e o impacto da física no mundo contemporâneo, que abrangem não só as aplicações práticas fundamentais decorrentes dos avanços da ciência, mas também as contribuições para a construção da nossa visão do mundo e as inter-relações com outras áreas do conhecimento.

O ensino básico de Física em nosso país sofre dificuldades em função da escassez de professores e da reputação de ser uma matéria difícil de entender, associada a idéias abstratas e a equações matemáticas. A programação do Ano Mundial da Física terá esta tônica, além de discutir os desafios sócio-econômicos do século XXI.

A Sociedade Brasileira de Física abriu a programação durante o Simpósio Nacional de Ensino de Física, ocorrido em janeiro. No Brasil, o Dia Mundial da Física será comemorado em 19 de maio, com uma série de atividades especiais promovidas pelos diversos institutos e departamentos de Física em todo o país. A programação proposta pelo Instituto de Física da UFRGS para todo o período pode ser acessada no site [www.if.ufrgs.br](http://www.if.ufrgs.br) e a abertura do Ano Mundial da Física na Universidade acontece no dia 24 de março, às 10h, na Sala II do Salão de Atos (Av. Paulo Gama, 110 – Campus Centro), com a palestra do professor Carlos Alberto Santos “Einstein: o homem e o cientista”. (CDS)





# Cursinhos, exemplos de solidariedade

CLARICE SIEDLER  
Jornalista

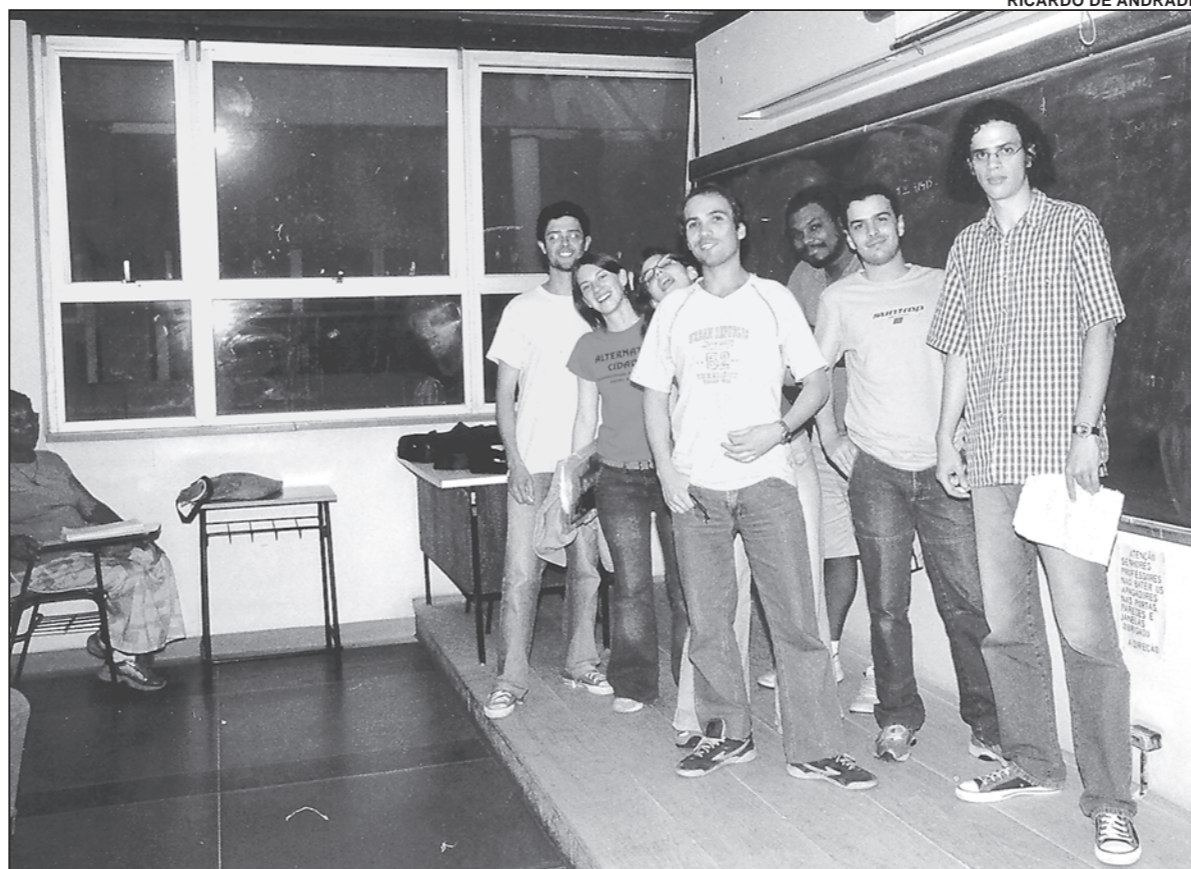
*Resgate, Alternativa, Chama ou CEUE não são apenas nomes de cursinhos. São exemplos de cidadania, respeito e solidariedade. Em todos eles, o que une alunos da UFRGS, de outras instituições e pessoas já formadas é o desejo de colaborar com o crescimento de alguém que, no início, nem conhecem, doando seu tempo e conhecimento. As pessoas que os procuram exercem seus direitos de cidadãos, independente das dificuldades do presente.*

A Universidade sente orgulho dos seus 4.300 calouros que, a partir deste mês, se juntam aos outros 16 mil alunos dos cursos de graduação. Nesse universo existe um grupo que merece um destaque especial. Trata-se de 168 candidatos que foram aprovados no primeiro chamamento, mesmo sem ter condições financeiras para pagar, inclusive, a taxa do concurso vestibular. Para concorrer a uma vaga, eles precisaram comprovar carência econômica e tiveram concedidas suas solicitações de isenção do pagamento. Muitos deles estudaram sozinhos. Outros foram buscar ajuda nos cursinhos populares, que funcionam graças ao trabalho voluntário, que mobiliza um número cada vez maior de alunos da Universidade. O mutirão para trazer esse público para a UFRGS conta com dezenas de jovens como Diego Gonçalves Rodrigues, do curso de Ciência da Computação, e Rodrigo Juliani Siqueira Dalmolin, de Biologia, por exemplo. Durante várias noites por semana e alguns sábados por mês, os dois dedicam-se a dar aulas nos cursinhos Alternativa Cidadã e Resgate, respectivamente.

## ALTERNATIVA

Diego leciona Matemática e é um dos 25 jovens que direcionam parte de seu tempo para ajudar na aprovação de quem procura o Alternativa. Atualmente iniciando o nono semestre da Faculdade, conseguiu ingressar na Universidade estudando onde hoje é professor. O cursinho foi criado há cinco anos por universitários dispostos a trabalhar de graça para aumentar as chances dos menos favorecidos e começou com o nome de Zumbi, funcionando em Viamão. Quando o número de interessados passou a ser muito superior ao que era possível aceitar em função do espaço disponível, os voluntários procuraram outro local e conseguiram o empréstimo de algumas salas do prédio F do Instituto de Química, onde costumam dar aulas, das 19h às 22h30min.

No último concurso, dos 40 alunos que con-



Estudantes da UFRGS dedicam parte de seu tempo às aulas em cursinhos para alunos carentes.

cluíram o ano letivo, três foram aprovados na UFRGS. As dificuldades financeiras fazem com que muitos tenham que interromper ou adiar o sonho de cursar uma faculdade. Problemas com o deslocamento dos que moram mais longe ou a conquista de uma vaga de trabalho, mesmo que temporário, num horário incompatível ou em uma função muito cansativa, são alguns dos fatores que fazem com que muitos desistam.

O principal critério de seleção ao Alternativa é semelhante ao adotado pela Universidade para isenção de taxa do vestibular: a comprovação de insuficiência financeira para arcar com os estudos. Em um segundo momento, é feita uma entrevista em que são avaliados outros aspectos do perfil social, como espírito coletivo, senso crítico e solidariedade. Embora não sejam eliminatórias, essas características auxiliam na seleção, pois os professores querem ajudar a formar cidadãos que pensem na sociedade como um todo e tenham vontade de colaborar para melhorá-la. Os selecionados têm que cursar todas as disciplinas, inclusive Cultura e Cidadania, que procura abordar os temas atuais, debater a sociedade, seus problemas e exclusões, e desenvolver o senso crítico. O objetivo é colaborar na formação de cidadãos mais conscientes. Mesmo os que não conseguem entrar na Universidade sabem que estão melhor preparados em todos os sentidos, explica Diego.

## RESGATE

Rodrigo está se formando em Biologia, disciplina que leciona há três anos no cursinho que ajudou a criar em 2001. Antes, já era professor voluntário em outro pré-vestibular destinado a jovens de baixa renda. Além de dar aulas, ajuda na seleção dos candidatos as 60 vagas ofereci-

das anualmente pelo Resgate, curso que tem funcionado no período da noite no Colégio Rosário, que empresta algumas salas sem cobrar por isso. No ano passado, houve mais de mil inscritos. Embora a condição sócio-econômica seja o critério mais importante, uma prova de matemática do Ensino Fundamental e uma redação básica auxiliam na definição do grupo. Dos candidatos selecionados, 30 continuaram os estudos até o vestibular. Destes, 12 foram aprovados na UFRGS.

## CHAMA

Em seu primeiro ano de funcionamento, o cursinho Chama não teve nenhum aprovado na UFRGS, mas os 30 alunos que frequentaram as aulas até o final do ano passaram em outras instituições. Destinado a pessoas de baixa renda ou, como diz a coordenadora Nina Porto, a "quem está quase na faixa da miséria e achava que não tinha o direito nem de sonhar com uma faculdade", o curso tem estrutura um pouco diferenciada dos demais. Além das disciplinas normais de preparação ao concurso, oferece, também, uma disciplina específica sobre a África, abordando a história e a cultura contemporânea do continente, e outra sobre Cidadania, apresentando tópicos de solidariedade, respeito às diferenças, preconceito e sistema de cotas.

Uma assistente social e duas psicólogas trabalham com a auto-estima dos alunos, com a expectativa quanto ao vestibular e na parte de orientação vocacional, pois a grande maioria tem certeza que quer estudar, mas não sabe que curso seguir. O curso, que também funciona no Colégio Rosário, está vinculado à Sociedade Cultural de Religião de Matriz Africana Chama de Duas Faces e não cobra taxa ou mensalidade.

## Um exemplo de valor vindo do CEUE

Renato era um menino pobre, que morava com a família numa pequena cidade do interior. Para ajudar os pais, enquanto cursava o antigo Ginásio, trabalhava como jornaleiro. Mas, em Venâncio Aires não havia o Científico - atual Ensino Médio - para poder continuar os estudos. A falta de dinheiro para pagar a passagem não o fez desistir. Durante os três anos em que frequentou o colégio em Santa Cruz, trabalhou como cobrador no ônibus que o levava à cidade vizinha.

Em 1968, veio para Porto Alegre com o objetivo de cursar Engenharia na UFRGS. Nem pensava em pré-vestibular, mas, ao fazer sua inscrição na própria Escola, descobriu que um grupo de alunos trabalhava, de graça, para ajudar na preparação de quem não tinha condições econômicas. Era o curso do CEUE (Centro dos Estudantes Universitários da Engenharia), que cobrava apenas uma pequena taxa para a confec-

ção do material, feito em mimeógrafo a álcool. Conversou com a avó, e ela disse que aquele montante dava para pagar. As revisões de todos os conteúdos realizadas nos anfiteatros da Escola, o apoio e a dedicação dos estudantes que ministravam as disciplinas foram muito importantes para ajudar Renato a ser aprovado no concurso.

Este não é um conto de fadas. É a história real de uma pessoa de valor, porque não tem mágica. O que tem, e de sobra, é esforço e persistência. Mais de 20 anos depois, um outro grupo de jovens decide reabrir o cursinho há muito desativado e procura a administração da Engenharia. Professor titular da Elétrica, com mestrado e doutorado na área, o menino de Venâncio Aires é, naquele momento, o diretor da Escola, Renato Machado de Brito. O curso foi reaberto com o apoio da direção e sob a forma de projeto de extensão, para poder dar certificado aos universitários que continuam trabalhando como volun-

tários. Os critérios de seleção são os mesmos adotados pelos outros cursinhos similares e que haviam sido usados em 1968: em primeiro lugar o grau de pobreza e em segundo, um nível de conhecimento mínimo que permita ao candidato acompanhar as aulas.

Brito deixou a direção da Escola em dezembro de 2004, quando os alunos da terceira turma do CEUE faziam as últimas revisões antes do vestibular. Dos 140 que haviam sido selecionados, só 50 conseguiram acompanhar o curso até o final do ano, e os motivos mais frequentes para abandonar o estudo foram a fome e a falta de dinheiro para pagar ônibus. Dos que conseguiram terminar, nove ingressaram na UFRGS e devem se lembrar desta história, que o professor Renato contou nas palestras que deu a eles no início do semestre. Pelo menos de esperança, eles hoje já são bem menos carentes.

## AGENDE-SE

### PLANO DE CARREIRA

Todos os técnicos-administrativos da UFRGS, ativos e aposentados, têm até 14 de março para entregar sua adesão ao novo plano de carreira aprovado pelo governo federal. Os servidores devem entregar o termo de opção e o formulário de atualização cadastral, com os certificados de capacitação e títulos de educação formal anexados na Comissão de Enquadramento, instalada no saguão do Salão de Atos (Av. Paulo Gama, 110 - térreo). Informações pelo telefone 3316-3212 ou no portal da UFRGS no endereço [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br).

### REUNIÃO GRADEUFRGS

No dia 18 de março, a partir das 9h, na Sala II do Salão de Atos (Av. Paulo Gama 110 - Campus Central) ocorre a reunião temática Gradeufrgs, evento promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e pelo CESUP - Centro Nacional de Supercomputação da Universidade. Gradeufrgs é um serviço de compartilhamento de capacidade computacional e armazenamento de dados, que permite que recursos da computação mais tradicional sejam agregados àqueles de alto desempenho. Ao final do encontro, haverá uma vídeo-conferência sobre o grupo Grade da Universidade Autônoma do México, com José Luis Ruiz. Inscrições gratuitas no site <http://www.cesup.ufrgs.br/>. Informações pelos telefones 3316-3139 e 3316-3629.

### ACOMPANHAMENTO À PESQUISA

A Pró-reitoria de Pesquisa, em parceria com o ILEA - Instituto Latino-americano de Estudos Avançados, inaugura no dia 21 de março, no Campus do Vale, o Departamento de Acompanhamento à Pesquisa. O espaço, localizado na sala 105 do ILEA (Av. Bento Gonçalves, 9500 - Prédio 43322, Campus do Vale), tem entre suas funções a captação de recursos; o acompanhamento de projetos; a criação de um banco de dados; o acompanhamento dos editais da área da pesquisa dos órgãos de financiamento nacionais e internacionais e a consolidação do Centro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade. Junto ao Departamento, irá funcionar a Sala do Pesquisador, um espaço destinado ao desenvolvimento de atividades como palestras e cursos. O horário de atendimento vai das 8h às 12h e das 14h às 18h, e o telefone para contato é 3316-7159.

### POLÍTICA DE CT&I

No dia 22 de março, ocorrerá o lançamento oficial do Fórum "Conhecimento, Tecnologia, Inovação e Qualidade de Vida: uma visão do Estado do Rio Grande do Sul", coordenado pela Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS. O evento pretende discutir desafios institucionais e estratégicos em busca de uma política regional de CT&I para os próximos 10 anos. O lançamento será às 10h, na Sala II do Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110 - Campus Central). Inscrições on-line no site da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, <http://www.sct.rs.gov.br> a partir de março. Informações pelo telefone 3288-7400.

### FABICO NO UNISOL

O projeto *Era uma vez... O encantamento da leitura e a magia da biblioteca: uma relação com o mundo, transformando a vida e propiciando a cidadania e a inclusão digital*, do Departamento de Ciências da Informação da Fabico foi selecionado para a edição do Unisol Regional de 2005. Coordenado pelas professoras Eliane da Silva Moro, Iara Bitencourt Neves e Lizandra Brasil Estabel e sob a articulação do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão, o projeto prevê iniciativas como a continuidade da qualificação técnica das bibliotecas das vilas Asa Branca e Jardim dos Coqueiros. A execução do UniSol Regional está prevista para o período de abril a dezembro deste ano.

### BOLSAS DE EXTENSÃO

No período de 7 de março a 8 de abril, os coordenadores de projetos de extensão que desejarem solicitar bolsas para 2005 devem preencher os formulários disponíveis no Sistema Eletrônico de Extensão. Para participar do Programa de Bolsas 2005, os projetos desenvolvidos no ano passado já deverão estar com o relatório final da ação/2004 e relatório final do bolsista/2004 incluídos no Sistema Eletrônico. Informações pelos telefones 3316-3020 ou 3316-3379 ou no site [www.proext.ufrgs.br](http://www.proext.ufrgs.br).

**UFRGS**  
RÁDIO 1080  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**Rádio da Universidade** 1080 AM  
há 47 anos formando ouvintes

## Lançamentos da Editora

**A escola (in)visível: jogos de poder, saber, verdade** (Ed. UFRGS, Porto Alegre, 2004, 2.ed., 135 p. – R\$10,40), de Marisa Faermann Eizirik e Denise Comerlato.

Marisa Faermann Eizirik é psicóloga, doutora em Educação e professora no Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. São de sua autoria os livros *Educação e escola: a aventura institucional* (AGE, 2001) e *Michel Foucault: um pensador do presente* (Ed. Unijuí, 2002).

Denise Comerlato é doutoranda em Educação e professora no Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS, atuando na área de educação de jovens e adultos. Publicou o livro *Os trajetos do imaginário e a alfabetização de adultos* (Ed. UCPel/Educat, 1998).

A obra pontua alguns aspectos do intrincado jogo de relações existentes no espaço da escola, partindo de pesquisa realizada em 1992 numa escola municipal da periferia de Porto Alegre, em que a teoria construtivista embasava a prática pedagógica nas séries iniciais. Apoiadas nos estudos de Foucault, as autoras analisam a escola como um centro privilegiado de poder e de produção de subjetividade, no qual coexistem estratégias adotadas por professores, alunos, diretores e técnicos da Secretaria Municipal de Educação. O leitor encontrará reflexões interessantes sobre os processos de exclusão, aplicados de forma invisível no ambiente escolar, sobre qualquer indivíduo que não se encaixe exatamente nos parâmetros de bom aluno ou bom professor. Uma das curiosidades é a descoberta pelas pesquisadoras de uma “organização secreta”, montada com o objetivo de estimular a delação de qualquer comportamento indesejável entre os alunos. Triste quadro de uma instituição de ensino que pretende ensinar a cidadania tendo como pressupostos a delação e o controle das consciências.



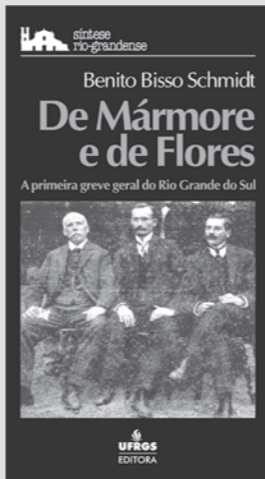
**De mármore e de flores: a primeira greve geral do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, outubro de 1906)** (Ed. UFRGS, Porto Alegre, 2004, 90 p., Coleção Síntese Rio-Grandense – preço a definir), de Benito Bisso Schmidt.

Benito Schmidt é doutor em História Social do Trabalho pela Unicamp, autor dos livros *Um socialista no Rio Grande do Sul* (Ed. UFRGS, 2000) e *Em busca da terra da promessa: a história dos líderes socialistas* (Palmarina, 2004) e de diversos artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. É professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS.

A obra faz parte da tese de doutorado do autor, *O Patriarca e o Tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (1872-1934 e Carlos Cavaco (1878-1961)* e narra a “pareda”, primeira greve geral da capital gaúcha, ocorrida em 1906 e considerada o momento decisivo da formação da classe operária local.

O litógrafo Francisco Xavier da Costa, grande líder dos socialistas porto-alegrenses, dividiu a direção da “Greve dos 21 dias” com Carlos de Araújo (Cavaco). O primeiro já tinha sido mediador entre patrões e empregados em outros conflitos coletivos de trabalho e mostrava grande habilidade. O segundo, popular jornalista e literato, atuou com sua eloquência em comícios e escrevendo artigos para o jornal operário da cidade, *Petit Journal*.

Em sua narrativa, Benito Schmidt destaca os conflitos entre as lideranças socialistas e anarquistas e o “poder simbólico” do movimento: pela primeira vez o grupo de empregados se via e era visto como uma classe, enfim eles tinham uma identidade. Tudo isso acontece na primavera daquele ano, em que as flores vermelhas são o símbolo do movimento operário. Utilizando-se de elementos narrativos e esforço de pesquisa, aliados ao humor do título da publicação e dos capítulos que a compõem, o autor faz com que o leitor compreenda o “marco fundamental das lutas dos trabalhadores gaúchos”.



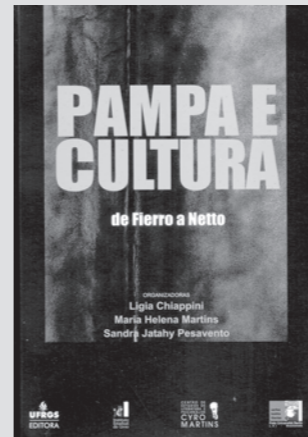
**Pampa e Cultura: de Fierro a Netto** (Ed. UFRGS/Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 2004, 285 p. – R\$32,00), organizado por Ligia Chiappini, Maria Helena Martins e Sandra Jatahy Pesavento.

A publicação é resultado das trocas entre pesquisadores brasileiros, platinos e alemães durante encontro realizado na Alemanha em 2002. A edição conta ainda com o apoio da FAPERGS e a colaboração da Secretaria Estadual da Cultura do Rio Grande do Sul e Fundação Memorial da América Latina de São Paulo. Trata-se de uma coletânea de ensaios sobre fronteiras culturais e cultura fronteiriça no pampa.

Donald Schüler, na apresentação do livro, defende a formação, nesse contexto, de uma terceira cultura ou de uma terceira imagem: “Acima da cultura de lá e de cá, alarga-se o território de uma terceira cultura em que o lá e o cá se aproximam amistosamente”. Seria o contraponto do conceito de fronteira como o local onde se dão os conflitos, as conquistas militares. Schüler afirma que “esta fronteira protege o sonho, o inexplorado, a liberdade. Sem ela como criar, como viver?”.

Os elementos em comum do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai são abordados nessa obra que reúne alguns pensadores do universo *sui generis* que é o pampa.

Mergulhemos nos temas gauchescos, visitemos a fundo essa cultura extremamente híbrida que temos o prazer de vivenciar. Vejamos Erico Verissimo e seu “Continente”, Cyro Martins e “seu gaúcho a pé”, “o legado cultural de Alcides Maya”, o regional peculiar de Sergio Faraco... Pensemos o romance e filme gaúcho “Netto perde sua alma”. Não deixemos de ler *Um diálogo memorável nos pampas*, de Ángel Nuñez, que de fato é, no mínimo, inesquecível. Descubramos no ensaio de Olinda Alessandrini que a tocante música do cancionista rio-grandense, *Prenda Minha*, tem traços da composição do uruguaio Eduardo Fabini. Tenhamos outras surpresas, entendamos nossa história, repensemos nosso berço.



**Um mural para a dor: movimentos cíco-religiosos por justiça e paz** (Ed. UFRGS, Porto Alegre, 2004, 350 p. – acompanha CD-ROM – R\$ 20,00), organizado por Patricia Birman e Márcia Pereira Leite.

O sequestro do ônibus 174 já foi tema de um dos documentários mais elogiados do país. E também deu origem ao Mural da Dor. A publicação é uma coletânea de estudos de professores do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a violência urbana. O conjunto dos testemunhos das vítimas da violência na cidade e as manifestações a favor da paz e de justiça é o objeto de estudo dos autores.

O ônibus 174, linha Gávea-Central, foi sequestrado na tarde de 12 de junho de 2000, no bairro Jardim Botânico, zona sul e privilegiada do Rio de Janeiro. Depois de horas de negociação e espetacularização, numa ação policial equivocada, a ocorrência termina em tragédia. Na troca de tiros, uma moça morre. O bandido é preso, mas chega ao hospital morto. Mais tarde desconfia-se que o disparo que matou a jovem tenha vindo de um PM e descobre-se, ainda, que ela estava grávida e que o sequestrador era um dos meninos sobreviventes da Chacina da Candelária.

Para as organizadoras, a sensação decorrente da falta de justiça e reparação é intolerável e expõe o descaso das classes mais abastadas da população e dos órgãos públicos. Assim, no Mural da Dor, “nesse espaço de reverência da memória dos mortos, mas também de denúncia e reivindicação de justiça”, a dor oriunda desse tipo de acontecimento é partilhada pelos que são diretamente afetados.

De acordo com o prefácio do sociólogo Luiz Antônio Machado da Silva, “não há dúvida de que a religião é não apenas uma ajuda crucial na construção do próprio sentimento de dor, mas também um recurso poderoso para lidar com ele”. No entanto, o professor chama a atenção para seu valor ambíguo, principalmente nas relações entre religião e política. (Caroline da Silva)



## Antes dos Dinossauros até abril no Museu da UFRGS

Encerra em 9 de abril a exposição *Antes dos Dinossauros – a Evolução da Vida e seu Registro Fóssil no Rio Grande do Sul*, que mostra ao público alguns dos principais registros fósseis mundiais e, em especial, o documentado no Estado.

Organizada pelo Departamento de Paleontologia e Estratigrafia do Instituto de Geociências da UFRGS, a exposição exhibe parte de um acervo com mais de 60.000 peças, que formam uma importante coleção paleontológica, uma das mais completas da América Latina, com peças como o fóssil do *Stereosternum tumidum*, do período Permiano (foto). São exibidos ainda espécimes fósseis de vertebrados, invertebrados, vegetais e microfósseis, muitos deles de indiscutível valor para a compreensão da história da evolução dos organismos.

O professor João Carlos Coimbra, um dos curadores da exposição, salienta que o Estado possui muitos registros de plantas e répteis que basicamente só são encontrados aqui, no período Triássico, há mais de 200 milhões de anos atrás, nas regiões de Santa Maria, Candelária, Mata e São Pedro do Sul. “Esse material é belíssimo e com um valor científico enorme. Na verdade, queremos expor o que temos da pa-



leontologia gaúcha, para que o público possa também conhecer o que o Rio Grande do Sul tem em termos de contribuição à Paleontologia”, diz o professor.

A exposição teve, até o momento do fechamento desta edição, cerca de 12.500 visitantes e a participação de 500 pessoas em atividades paralelas. A mostra pode ser visitada no Museu da UFRGS (Av. Osvaldo Aranha, 277 – Campus Centro), de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, e aos sábados, das 12h às 17h. Agendamento para visitas de grupos ou escolas através do telefone 3316-3034.

## Grupo de pesquisa lança CD-ROM

O GEAPPE - Grupo de Pesquisa em Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da UFRGS estará lançando em março o CD-ROM *Bingo Fácil e Artimanhas*. Trata-se de um programa de computador que possibilita aos professores alfabetizadores a realização de diversos tipos de exercícios. Devido à variedade de atividades oferecidas, o software pode ser utilizado por alunos do Jardim B até a oitava série. Mais informações sobre o trabalho do Grupo e sobre o CD-ROM no telefone 3316-4152 ou através do e-mail annarangel@faced.ufrgs.br.

## Mostra de formandos na Pinacoteca

A Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da UFRGS reabre com a Exposição dos Formandos do segundo semestre de 2004. A mostra reúne os trabalhos de Graduação em Pintura, Desenho, Escultura, Fotografia, Cerâmica e Gravura de 24 alunos do curso de Artes Visuais.

A abertura acontecerá no próximo dia 23 de março, às 12h, na Rua Senhor dos Passos, 248 (1º andar). A mostra poderá ser visitada de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h. Informações pelo telefone 3316-4302.

## A outra economia

**Dicionário deverá ganhar nova edição em português, integrando a série Sociedade e Solidariedade da Editora da UFRGS.**

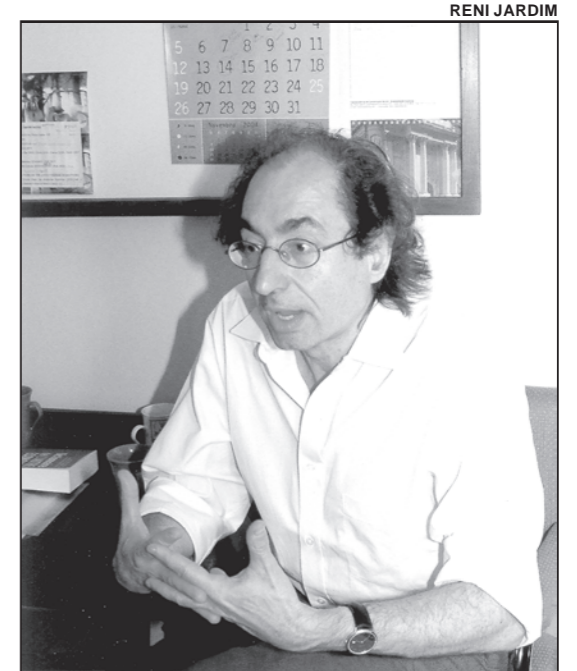
Durante o V Fórum Social Mundial, Jean-Louis Laville, um dos mais eminentes pesquisadores franceses na área de economia solidária lançou o *Dictionnaire de L'Autre Economie*, obra organizada juntamente com o professor Antonio Cattani do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS.

Os professores, que coordenam a série Sociedade e Solidariedade da Editora da Universidade, estiveram na redação do JU para divulgar a obra e falar sobre a importância crescente da economia solidária.

Jean-Louis Laville ressaltou que, embora a economia solidária tenha uma longuíssima história com experiências em todo o mundo desde o século XIX, sua importância voltou a crescer somente nas últimas décadas, com a expansão dos movimentos anti-globalização.

Uma prova disso é justamente o lugar que o tema ocupou nas edições do Fórum Social Mundial. Para o autor, “essa retomada tem um caráter interdisciplinar, com dimensões no campo da Filosofia, com destaque para o trabalho de Jürgen Habermas que recuperou a ideia de solidariedade democrática, e da Sociologia, através de Karl Polanyi e Marcel Mauss, que colocaram a solidariedade como o centro da vida social, diferentemente da teoria econômica ortodoxa”. Retomando a análise de Marcel Mauss, Laville lembrou que “não vivemos numa economia capitalista, mas numa economia dominada pelo capitalismo” e que essa dominação não é total, existindo espaços de realização de outras possibilidades.

Os professores destacaram que a ideia da criação da coleção Sociedade e Solidariedade partiu da limitação do material disponível,



particularmente para estudantes universitários submetidos a uma visão reducionista da economia, tanto em termos práticos quanto teóricos. Para Laville, hoje se observa um interesse muito grande dos estudantes por uma visão que comporte também as dimensões que antes permaneciam invisíveis. O dicionário responde a essa necessidade, mostrando tanto a dimensão histórica, quanto cultural numa abordagem da economia através de maneiras de pensar que consideram a existência do interesse individual, mas colocam no centro da análise as relações de solidariedade.

Antonio Cattani disse que a ideia é lançar em breve uma nova edição em português com uma espécie de *upgrade*, com acréscimo de novos aspectos teóricos e novos autores. “Nessa cooperação internacional, pretende-se fazer a tradução para o português, retomando alguns elementos que compõem a edição francesa e, se possível, publicar o dicionário pela Editora da UFRGS”, completa o professor. (AC)

# O romance político de Erico Verissimo

FLÁVIO LOUREIRO CHAVES\*

Ao final de *O Senhor Embaixador* (1965) a revolução se fez vitoriosa na ilha imaginária de El Sacramento. O último parágrafo do romance registra a execução de Gabriel Heliodoro Alvarado, legítimo representante das forças conservadoras, diante do pelotão de fuzilamento: “O tenente tirou o revólver do coldre e meteu-lhe uma bala no crâneo, como quem pinga o ponto final numa história”.

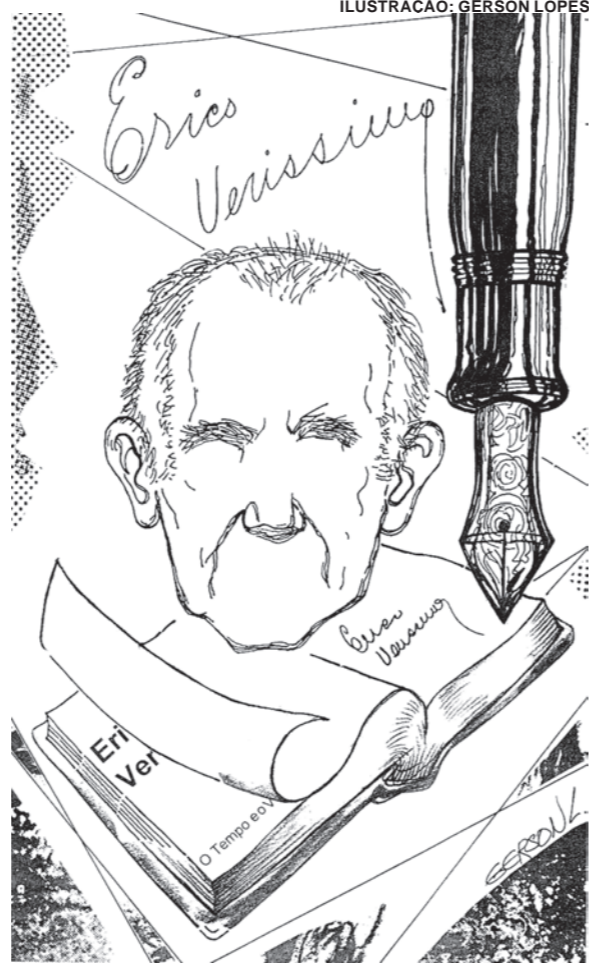
Esta última expressão adquire um duplo sentido. É o desfecho da história, do relato que se acaba de ler. Por outro lado, manifesta a crise da História (agora com letra maiúscula) tal como foi observada na perspectiva política de Erico Verissimo.

O escritor não se furtava a comentar sua própria obra e certa vez declarou que, desde a publicação de *Caminhos cruzados* em 1934, tinha pretendido fazer o *corte transversal duma sociedade*. Ora, é necessário ver que este corte operou-se sob a ótica de um social-democrata cujo objetivo era a ultrapassagem do conflito entre as forças de esquerda e direita, que ocupou a grande parte do cenário mundial do século 20. É o que se lê no ideário das suas primeiras personagens, por exemplo a Olívia de *Olhai os lírios do campo* e o Tônio Santiago de *O resto é silêncio*.

Mais tarde, surge a fórmula do *socialismo humanista*, minuciosamente explanada por Floriano Cambará, alter ego do narrador, ao longo de *O tempo e o vento*, que abre um espaço largo à análise da formação da sociedade brasileira e suas estruturas políticas. Na última parte, intitulada *O arquipélago*, instaura-se a denúncia da ditadura de Getúlio Vargas e do chamado “Estado Novo”, pronunciada num juízo sem concessões, tal como Graciliano Ramos fizera nas *Memórias do cárcere*. Desenhando um arco de duzentos anos, a narrativa alcança já o umbral da modernidade e assim define a natureza do romance histórico: a crônica do passado só está aí como leitura do tempo presente.

No caso de Erico Verissimo, a ética do escritor deixou de ser um elemento externo ao texto de ficção; ao contrário, torna-se interna porque é através dela que se traça o destino das personagens. Mais do que isto, ela qualifica a singularidade do estilo *realista* adotado pelo narrador ao recusar a cópia pura e simples da realidade para atingir a sua denúncia e subversão. O tema verdadeiramente obsessivo, que centraliza e unifica todas as demais preocupações, vem a ser a questão da liberdade sob ameaça no mundo subjugado às tiranias totalitárias. Floriano Cambará chegou a substantivá-las na sua nomenclatura pessoal - “o horror moderno”. Este é o prisma através do qual se lê a História, seja a crônica da vida brasileira ou a representação do cenário internacional, como no caso de *Saga*, legítimo manifesto anti-fascista, publicado em 1940 no apogeu de Hitler, de Franco e Stalin.

Podemos voltar ao caso de *O Senhor Embaixador*, que mencionei ao início. Este romance surgiu apenas um ano após o golpe militar que mergulharia o Brasil numa ditadura infame. Embora a ação transcorra numa hipotética república do Caribe, existe um mapa, desenhado pelo pró-



prio Erico Verissimo, durante o processo de redação, atribuindo-lhe a configuração geográfica do seu próprio país. Ele encontrara uma fórmula para contornar inteligentemente a censura que então se exercia. Território real ou imaginário, aí defrontamos um espaço onde a polaridade ideológica atinge sua máxima radicalização, seja no despotismo das oligarquias ou na revolução triunfante que logo se hipertrofia em sangue e violência. Qual é afinal o lugar do indivíduo e sua liberdade? Vê-se que o último parágrafo de *O Senhor Embaixador*, amarrando numa só elocução a seqüência dos desastres, já não alimenta ilusões nem propõe utopias. A História subverteu-se numa engrenagem perversa.

Essa problemática intensificou-se de maneira notável nos últimos romances de Erico Verissimo (aqueles que vieram após *O tempo e o vento*) e está na raiz das alegorias que ele criou dentro do contexto de cerceamento à livre expressão. A ilha de El Sacramento é por força uma representação alegórica; mas isto também acontece no livro subseqüente - *O prisioneiro* - que data de 1967. Aí as ações transcorrem num país asiático que está engolfado numa guerra devastadora. O cenário pode ser facilmente identificado (e foi o que ocorreu à época) com a escalada do exército norte-americano no Vietname. Entretanto, o episódio crucial da narrativa não se dá no campo de batalha nem no enfrentamento das forças armadas. Abrindo espaço para a alegoria, tudo se decide entre as quatro paredes de uma infecta câmara de tortura.

Legítimo cenário microcômico (onde a mais refinada civilização tecnológica executa a pior barbárie), aí se propõe a questão decisiva, quero dizer, o núcleo do texto apresentado por Erico Verissimo. Está cifrada na pergunta que, diante do processo de tortura, o tenente dirige ao seu superior: “- Na sua opinião, coronel, é válida a idéia de que os fins justificam os meios?” A impossibilidade absoluta de uma resposta clara de-

nuncia a crise da ética humanista e nos coloca diante do paradoxo do nosso tempo. O prisioneiro acabará sendo imolado em ritual selvagem. Mas é preciso entender que prisioneiros também são os demais protagonistas e somos todos nós, já imobilizados na execução dos meios quando ninguém responde pelos fins. Desencantada alegoria do nosso tempo, a cela de tortura de *O prisioneiro* representa o último patamar da imposta totalitária; é o esgoto da História.

No caso do *Incidente em Antares*, publicado em 1971, trata-se também de uma alegoria, a última que Erico Verissimo criou. Durante uma greve de cozeiros (ocorrida no ano de 1963...) os mortos insepultos voltam à praça pública e aí fazem o julgamento dos vivos, isto é, aqueles que estão moralmente mortos.

Aparecendo no pico dum período de repressão, o livro funcionou como divisor das águas da cena política brasileira naquela fase. A fábula macabra nos confrontava com a verdade que muitos não podiam ou não queriam verbalizar. Na primeira parte da narrativa a história brasileira é detalhadamente reconstituída mediante a crônica de formação da pequena cidade encravada à margem do rio Uruguai. Na segunda parte dá-se o “incidente” revelador. Fato talvez esquecido foi o arguto lance publicitário, impresso em cartazes e na própria cinta que envolvia o volume impresso, com o qual o escritor protegeu a circulação do livro: “Num país totalitário este romance não seria publicado”. Acontece que, naquele preciso momento histórico, o país era totalitário, sim. Aqui se estabelece então um complexo jogo entre o real e o imaginário, culminando na vitória da luta pela expressão. Defendo a tese de que Erico Verissimo definiu o *romance político* dentro da literatura brasileira. Embora distante de qualquer opção partidária, que ele sempre recusou, o escritor propõe uma questão que é a própria essência da política: a ação do indivíduo numa sociedade sob tirania ideológica. Neste sentido, vale resgatar uma declaração em que afirmava: “A obrigação do contador de histórias é contar histórias”. E logo completou: “Proclama-se a inutilidade da literatura, o fim da ficção, a impotência da linguagem como instrumento de comunicação entre os homens. Seja como for uma coisa me parece certa e animadora - o homem continua vivo. E, ao meu ver, a missão maior do escritor de nossos dias é a de defender o homem, a sua vida, o seu direito natural à liberdade”.

Muito se fala de *romance histórico* a propósito de Erico Verissimo. Creio que assim é; mas menos porque na sua obra se encontre a crônica de uma dada região ou de um determinado período e mais porque ele expressou-os na série das alegorias que terminaram transcendendo a circunstância episódica e adquiriram vigência para o leitor de outros tempos e latitudes. Aí estão a Santa Fé de *O tempo e o vento*, a ilha imaginária de El Sacramento, a cela do prisioneiro, a praça de Antares. Numa época de crise da ética humanista, o narrador sempre nos convidou a ler a História nas imagens da ficção.

\*Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul. Autor de *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*, Editora da UFRGS, 2002.

## Mostra de Filmes do NELE

O Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE) do Instituto de Letras da UFRGS programou para o próximo mês uma mostra de filmes estrangeiros, cuja exibição será precedida de um bate-papo com o público. A mostra acontecerá de 4 a 16 de abril, na Sala Redenção (Av. Paulo Gama, s/n – ao lado do Bar Antônio Lanches – Campus Centro), sempre com entrada franca. Agende-se para assistir à programação:

04/04 - Segunda-feira, 18h30min  
**O que fazer em caso de incêndio?** (“Was tun, wenn's brennt?”), ALE, 2003, 102 min., cor - *Comédia dramática*, de Gregor Schnitzler. Na década de 80, seis amigos invadiam prédios, desafiando as autoridades. Anos depois, precisam reunir-se novamente.

05/04 - Terça-feira, 18h30min  
**As Horas** (“The Hours”), EUA, 2002, 114 min., cor - *Drama*, de Stephen Daldry. Um dia na vida de mulheres de diferentes épocas: em 1923, a escritora Virginia Woolf; em 1949, a dona de casa Laura Brown; e nos dias atuais, a editora Clarissa Vaughan.

06/04 - Quarta-feira, 18h30min  
**Lugar nenhum na África** (“Nirgendwo in Afrika”), ALE, 2001, 140 min., cor - *Drama*, de Caroline Link. Família judia alemã se muda para o Quênia durante os anos 30 e precisa adaptar-se à cultura local.

07/04 - Quinta-feira, 18h30min  
**Fale com Ela** (“Hable con Ella”), ESP, 2002, 116 min., cor - *Drama*, de Pedro Almodóvar. Uma tragédia em comum une dois homens que precisam cuidar de suas mulheres, ambas em coma no hospital.

08/04 - Sexta-feira, 18h30min  
**O Retorno** (“Vozvrashcheniye”), RUS, 2003, 105 min. - *Drama*, de Andrei Zvyagintsev. Numa desolada região do norte da Rússia, dois garotos adolescentes sofrem com o retorno do pai.

09/04 - Sábado, 16h  
**As Bodas** (“Svadba/La Noce”), RUS/FRA, 2000, 114 min. - *Comédia dramática*, de Pavel Lounguine. Depois de morar durante anos em Moscou, bela modelo retorna a sua pequena cidade natal.

11/04 - Segunda-feira, 18h30min  
**As Regras do Jogo** (“Le Règle du Jeu”), FRA, 1939, 110 min., P&B - *Drama*, de Jean Renoir. Um jovem aviador declara publicamente sua paixão pela esposa de um marquês, causando um escândalo com conseqüências imprevisíveis.

12/04 - Terça-feira, 18h30min  
**A Febre do Loco** (“La Fiebre del Loco”), ESP/MEX/CHI, 2001, 94 min., cor - *Comédia*, de Andrés Wood. Durante o inverno no Chile, é liberada a pesca de um pequeno molusco de alto valor comercial.

13/04 - Quarta-feira, 18h30min  
**Tampopo - Os brutos também comem espagete** (“Tampopo”), JAP, 1985, 114 min., cor - *Comédia*, de Juzo Itami. Viúva, dona de loja de macarrão oriental, busca a receita perfeita. Um caminhoneiro irá ensiná-la a preparar um espagete especial.

14/04 - Quinta-feira, 18h30min  
**A Grande Ilusão** (“La Grande Illusion”), FRA, 1937, 113 min., P&B - *Guerra*, de Jean Renoir. Durante a Primeira Guerra, avião francês é abatido em território alemão. Apriacionados, os sobreviventes arquitetam um plano de fuga.

15/04 - Sexta-feira, 18h30min  
**Beleza Americana** (“American Beauty”), EUA, 1999, 121 min., cor - *Drama*, de Sam Mendes. Duas famílias de classe média do interior dos Estados Unidos, vêm seus relacionamentos ruírem quando uma inesperada paixão entra em cena.

16/04 - Sábado, 16h  
**A Viagem de Chihiro** (“Sen to Chihiro No Kamikakushi”), JAP, 2001, 123min, cor - *Infantil*, de Hayao Miyazaki. Perdidos em uma viagem de mudança, a menina Chihiro e seus pais acabam descobrindo uma misteriosa passagem que os leva até um mundo mágico.(CDS)

## Cursos de Música na Universidade

O Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS promove a cada ano diversos cursos, oficinas e atividades de extensão em música, abertos a toda a comunidade. Em 2004, cerca de 586 pessoas frequentaram os cursos oferecidos. A Chefe do Departamento, professora Helena Nunes, diz que esse tipo de atividade tem uma relevância extrema, na medida em que atinge um número maior de alunos do que a própria graduação. Para ela, “essa vivência amplia muito a visão do estudante, pois ele descobre o que a comunidade em geral pensa da música”.

O Centro de Música Eletrônica (CME), coordenado pelo professor Eloy Fritsch, oferece a mais alta tecnologia e desenvolve um Programa de Extensão em Música Eletrônica que, até 31 de março, estará recebendo inscrições para os seguintes cursos:

### Introdução à Música Eletrônica

Apresenta os princípios da música eletrônica e ensina a criar sons sintéticos gerados por osciladores e filtros, utilizando instrumentos eletrônicos como sintetizadores e samplers.

Realização: 5 de abril a 24 de maio, nas terças-feiras, das 19h às 21h30min.

### Música & Tecnologia

Desenvolve os recursos tecnológicos na produção e criação musical, com aulas práticas em sintetizadores, music workstations e computadores, bem como o histórico dessa tecnologia.

Realização: 6 de abril a 8 de junho, nas quartas-feiras, das 18h às 20h.

### Prática de Sintetizadores

Disponibiliza aulas teóricas sobre histórico dos sintetizadores, repertório, compositores, tipos de sintetizadores, criação e edição de sons, métodos de síntese sonora; e aulas práticas em sintetizadores digitais e virtuais.

Realização: 4 de abril a 23 de maio, nas segundas-feiras, das 17h às 18h30min.

### Iniciação e Prática em Edição de Partituras por Computador Utilizando Finale

O software Finale 2001 é trabalhado em aulas práticas em que os alunos podem frequentar os laboratórios, utilizando o software para estudo.

Realização: 7 de abril a 5 de maio, nas quintas-feiras, das 18h30min às 21h.

Todos os cursos têm taxas de inscrição (de R\$ 150,00 a R\$ 200,00; certificado e material didático inclusos), e alguns realizam processo de sele-

ção dos candidatos. O telefone para informações é o 3316-4329. Mais detalhes no site www.musicaeletronica.ufrgs.br ou na Rua Senhor dos Passos, 248 - 6.º andar, das 9h às 18h.



## Edi Madalena Fracasso, uma história de sucesso

ADEMAR VARGAS DE FREITAS  
Jornalista

*A vida da professora Edi Madalena Fracasso é feita de determinação, confiança, esforço, disciplina e bom-humor, coisas que atraem simpatias, abrem portas e facilitam a boa sorte. Foi com essas armas que a normalista com sotaque de colona saiu de Caxias do Sul, aos 17 anos, iniciando uma carreira que a levou a se tornar a primeira brasileira a doutorar-se em Harvard. Atualmente, ela lidera o Núcleo de Gestão de Inovação Tecnológica (Nitec) da Escola de Administração da UFRGS, onde recentemente foi eleita coordenadora da Comissão de Pesquisa.*



RENI JARDIM

Desde 1972, a professora Edi Madalena Fracasso leciona métodos de pesquisa no mestrado e no doutorado da Escola de Administração. Ela é representante da Associação dos Antigos Alunos e já foi representante docente. Na graduação, vinha lecionando uma disciplina de elaboração de projetos de trabalho de conclusão de curso, mas parou para se dedicar a duas turmas de uma nova disciplina – Empreendedorismo e Inovação – que por sua indicação foi recém incluída no currículo do curso de Administração.

Ela coordena também o Curso de Doutorado Interinstitucional de Administração, resultante de um convênio com a Universidade de Caxias do Sul. Além disso, trabalha com pesquisa e tem orientandos. É muito trabalho? Não, é puro prazer.

### INFÂNCIA E PRAZER

Edi nasceu no dia 8 de abril de 1936, em Otávio Rocha, um distrito de Flores da Cunha na zona colonial italiana, região coberta de parreirais cultivados por famílias cujos filhos, ainda hoje, só têm duas opções de vida: substituir os pais ou ir para a cidade. Assim, a estrutura da terra permanece a mesma, e a localidade não cresce muito.

Quando ela nasceu, Otávio Rocha só tinha uma rua. E continua assim até hoje. É um lugar agradável com o qual

Edi não tem grandes ligações: saiu de lá bebê para morar em Caxias do Sul.

O pai, Eleutério Fracasso, com o segundo ano primário incompleto, foi comerciante, caminhoneiro, dono de armazém, de posto de gasolina, de pensão e de restaurante. A mãe, Edmea De Marchi Fracasso, com o quarto ano primário, acompanhava o marido, atuando em seus empreendimentos, que raramente davam certo, e cuidava da casa e dos sete filhos.

Edmea insistia em que todos os filhos estudassem “pelo menos até o Ginásio”. Mas todos foram além: Elói formou-se em Direito, Luis Carlos completou Ensino Médio, Eunice formou-se em Educação Física, Eni também tirou Direito, Elói formou-se médico e Elenice administradora.

Aos onze anos Edi começou a ajudar o pai no balcão do bar e restaurante, servindo trago aos fregueses ou trabalhando com a mãe na cozinha. Quando terminou o Ginásio, o pai achou que estava na hora de ela fazer um curso de datilografia e conseguir emprego num escritório.

Até a década de 50, em Caxias, só havia Clássico e Científico em colégios masculinos. Para as gurias que terminavam o Ginásio e tinham condições de continuar estudando, só restava o Curso Normal. Então, ela propôs ao pai: “Continuo te ajudando, mas quero fazer o Normal”.

O colégio ficava perto, e o pai mon-

tou um ponto para vender sonhos, pastéis e outras comidas às estudantes. No recreio, Edi ficava tomando conta. Valeu a pena, a festa de conclusão do Normal foi linda. “Meu pai se esforçou, me deu um vestido muito bonito. Eu era a primeira pessoa da família que ia tão longe dentro da escola.” Os primos até brincavam com ela: “Mas, tu já não terminou todos os livros?”.

Claro, mas ela queria mais, queria fazer faculdade, queria ser como algumas de suas professoras, que eram de Porto Alegre e davam aula em Caxias. A família tinha receio de deixar que “uma menina com 17 anos” fosse para a Capital. Hoje, lhe parece que a maior distância que percorreu na vida foram os 150 quilômetros que separam Caxias de Porto Alegre.

### CARREIRA METEÓRICA

Edi chegou a Porto Alegre, em 1953, disposta a fazer vestibular para Pedagogia, único curso que poderia tirar tendo feito o Normal. Enfrentou provas escritas e orais, um pouco encurralada com seu sotaque. Mas passou e ficou morando num quartinho de sótão na casa da tia Vanda e do tio Hermógenes, irmão do pai, na Avenida Ceará.

O roupeiro era um cabo de vassoura, onde ela pendurava os cabides com as poucas peças de roupa que tinha trazido. O sobretudo preto, que ganhara de um primo em segundo grau,

tornou-se seu casacão. Só precisou trocar de lado os botões e as casas.

O primeiro ano foi brabo: tinha que pagar a hospedagem na casa da tia. Começou o Curso de Pedagogia na UFRGS e a fazer concursos públicos. “Estudei como louca. De vez em quando minha tia estranhava ao me ver acordada às cinco e meia da manhã. ‘Ué, levantou cedo pra estudar?’. Que nada, eu nem tinha ido dormir ainda.” Como era “menor”, não podia tirar o título de eleitor, e sem esse documento não podia concorrer a professora estadual. Contentou-se em trabalhar como professora substituta no Colégio Navegantes.

No segundo semestre, recebeu oferta melhor: trabalhar num escritório de engenharia na Rua da Praia, fazendo o serviço de rua, uma *office-girl*. Aceitou, e ainda conseguiu outra ocupação: ajudar um primo, Aurevil De Marchi, na contabilidade de um escritório de venda de terrenos. E não parou por aí. As aulas na Pedagogia iam das 16h às 20h. Pois ela saía da aula e ainda ia fazer serão no escritório. Com tanto esforço, as coisas começavam a melhorar, e ela pôde comprar um casacão novo.

Em seguida, Edi fez concurso para estatístico do Departamento Estadual de Estatística (depois incorporado à Fundação de Economia e Estatística, que ajudou a criar em 1973 e da qual viria a ser a primeira diretora técnica). Foi nomeada em maio de 1954 e aí, sim, as coisas melhoraram mesmo. Como estatística, passou a ganhar mais do que ganharia como professora. Já não estava tão interessada em voltar para Caxias e ser professora lá, como era o seu sonho inicial.

Depois, a tia se mudou para a Rua São Carlos, no Bairro Floresta, e ela conseguiu um quartinho melhor, que passou a dividir com uma amiga de Caxias. Por essa época começou a mandar algum dinheiro para casa e a economizar para, no fim do ano, dar um presente para a mãe: um conjunto de copos de cristal.



RENI JARDIM

## Abrindo caminhos, de concurso em concurso

Em 1958, depois de concluir o Curso de Pedagogia, Edi ganhou uma bolsa para estudar na Escola Nacional de Ciências Estatísticas no Rio de Janeiro, onde passou quase um ano. Na volta, enfrentou outro concurso e foi nomeada para trabalhar como assessora administrativa na Secretaria Estadual de Educação (SEC).

Por essa época, começou a namorar um estudante de Medicina. Tinham intenção de casar, mas só depois que ele se formasse. Como isso ainda ia demorar, ela fez outro vestibular, em 1961, e voltou a estudar na UFRGS, no curso de Ciências Sociais.

Aí ficou sabendo de um curso de especialização em Administração Pública, dado por um grupo de professores do Ponto IV, vindos dos Estados Unidos pelo acordo MEC-USAID. Seguiu o curso e fez uma boa monografia. Isso e a amizade com um professor americano alto e gordo, conhecido entre os alunos como “jôquei de elefante”, lhe abriram novos caminhos.

“Um dia, o professor Gaylord Oberme disse que estavam selecionando pessoas para fazer mestrado nos Estados Unidos e que achava que eu deveria me inscrever, era só dar uma acelerada no Inglês. Me inscrevi no curso intensivo do Instituto Cultural e fiz o Toefel da época. Passei raspando, mas passei.” Em agosto de 1963, Edi estava viajando para a Califórnia.

### ALIANÇAPARAOPROGRESSO

Na época, John Kennedy era o presidente dos EUA e havia a Aliança para o Progresso, segundo a qual os países em desenvolvimento precisavam de uma mãozinha para administrar seus recursos naturais. Se houvesse cursos que ensinassem a administrar, o progresso poderia ser acelerado.

Então, o Ponto IV (depois USAID)

oferecia formação em Administração Pública na University of Southern California (USC) e em Administração de Empresas na Michigan State University.

“Dentre os onze alunos da UFRGS selecionados para a USC, eu e mais dois, Adão Raupp e Roberto Fachin, viajamos juntos para a Califórnia. Roberto estava recém casado com a Rosa Maria. No futuro, seriam pais de Maria Paula Fachin e sogros do Rudnei Dias da Cunha, professores do Instituto de Matemática.” O grupo chegou a Miami (na costa leste) com destino a Los Angeles (na costa oeste), trocou as passagens de avião por passagens de ônibus e atravessou os Estados Unidos.

Além de estudar muito, Edi conheceu bastante os Estados Unidos, em viagens proporcionadas pela USAID. Com os seus colegas de universidade, ficou um tempo em San Francisco para conhecer o sistema prisional de Oakland, esteve no Vale do Tennessee, visitou a barragem Hoover, próximo a Las Vegas, esteve em Washington e Nova York.

Voltou cheia de entusiasmo e idéias, mas teve de adaptá-las rapidamente à realidade do interior do Brasil. Era 1965, e o Instituto de Administração tinha feito um convênio com a Sudestul para oferecer aulas de administração a prefeitos da fronteira sudoeste, do Mato Grosso ao Rio Grande do Sul.

Sua primeira atividade foi em Aquidauana (MS). Foi de avião até Campo Grande, de trem até Aquidauana e de charrete até o Hotel Palace, que tinha janelas com pedaços de madeira no lugar dos vidros, camas patente, colchões sujos e marcas de mosquito esmagados nas paredes. Mas o banheiro coletivo, no fundo do corredor, tinha água quente: bastava juntar os dois fios soltos acima do chuveiro.

## Doutorado? Só se for em Harvard!

No final da década de 60, Edi participou de um projeto de pesquisa para a Fundação Ford sobre Aspectos Políticos e Administrativos do Rio Grande do Sul. Esse projeto oferecia duas bolsas de doutorado, uma na área de Política e outra na área de Administração, mas os colegas da Administração não se interessaram: “É contigo, Edi”. E Edi respondia: “Só se for em Harvard!”. Eles davam risada, achavam muito engraçada a pretensão dela.

Não demorou três meses, apareceu em Porto Alegre um professor da Universidade de Harvard, Russell Davis, que estava fazendo um projeto para a Secretaria de Educação. Edi trabalhou com ele durante um tempo, porque nessa época se dividia entre a SEC e a UFRGS. Como já dominava bem o inglês e conhecia o sistema educacional do Rio Grande do Sul, ficou como assessora e intérprete dele. “Um dia, perguntei a ele se eu tinha alguma chance de estudar em Harvard. Ele me deu uma carta de recomendação, eu fiz a *application* e fui admitida.”

Em 1970 ela estava em Massachusetts, fazendo o doutorado na Universidade de Harvard, com uma bolsa da Fundação Ford. “No Brasil, fui a primeira mulher a fazer o doutorado em Harvard, agora já tem outras, mas no Rio Grande do Sul ainda sou a única.”

Ter estudado em Harvard lhe abriu outras portas. Em 1971/1972, o regime militar criou o Projeto Saci, que visava a construir uma rede de telecomunicação para o Brasil e pretendia lançar um satélite com fins educacionais. Isso foi visto por outros países sul-americanos como uma ameaça a sua identidade cultural. Eles também queriam lançar um satélite. O projeto para a implantação de um sistema regional de tele-educação para esses países levou-a a ser convidada a fazer uma consultoria para a Unesco.

Edi passou um ano viajando pela América do Sul. O projeto não seguiu adiante, mas para ela a experiência foi muito boa. “Passei a falar espanhol sem sotaque brasileiro e entendi como o Brasil é visto pelos países limítrofes: um país imperialista.”

### ALUNOS E BOLSISTAS

“Em janeiro, terminei o mandato de vice-coordenadora do PPPGA, que ajudei a criar em 1972 e do qual fui coordenadora em dois mandatos. O coordenador do mandato que acabou, professor Paulo Zawislak, foi meu bolsista recém-doutor e é filho de uma ex-aluna minha. O professor Luiz Felipe Nascimento, que assumiu o posto, também foi meu aluno e bolsista recém-doutor. E a nova vice-coordenadora, professora Lilia Maria Vargas, foi minha aluna. Antes do professor Zawislak, a coordenadora foi a professora Valmiria Piccinini, que também foi minha bolsista recém-doutora.”

### EM CONSTRUÇÃO

“Embora passe bastante tempo na Escola de Administração, minha vida não é só aqui dentro. Não tive filhos, mas tenho 14 sobrinhos com os quais me relaciono muito bem. Minha mãe tem 92 anos e mora comigo, tenho que cuidar dela. Fui afortunada por ter construído a vida de tal forma que me sinto uma pessoa quase realizada. Só estarei realizada mesmo quando morrer, porque estou sempre em construção.”

### ROCK E PAGODE

“Adoro cinema e teatro. Adoro dançar. Em todas as festas da escola, quem começa o baile sou eu. Danço muito e danço de tudo: samba, rock, pagode, valsa, junto ou separada. Também adoro viajar. Conheço quase todos os países das Américas, alguns da Europa e da África. Mas nunca tive um mês inteiro de férias. Viajo quase sempre para congressos, visitas técnicas, programas de intercâmbio, e tiro uns dias para ver outra cidade.”

### NOIVA TRANQUILA

“Fui noiva diversas vezes. Primeiro, com um estudante de Medicina. Quando eu quis acabar o noivado, ele ficou tão doído que resolveu adiar até viajar para os EUA. Nem assim ele sossegou: envolvia os meus amigos, dizia que ia se matar, fez um drama. Mas o noivado acabou, e ele não se matou. Nos EUA fui noiva de um mexicano, Ernesto, e de um japonês, Yotaro. Depois, namorei um americano, Bill, num clima de romantismo. Muitas vezes, quando eu viajava, ele ia ao meu encontro. Namoramos em diversos lugares da Europa e da América do Sul. Nossa música era ‘Strangers in the Night’. Foi lindo, mas acabou, porque o namoro interferia no meu doutorado. De volta ao Brasil, estive noiva outra vez. Nunca me casei, mas foi ótimo ter namorado tanto.”

### ATRÁS DO SONHO

“Conselhos aos alunos? Não te acomodes, vai atrás do teu sonho. Nenhuma instituição está fora de alcance se tiveres inteligência e empenho. Tem menos concorrentes por vaga no MIT ou em Harvard do que na UFRGS. Há que tentar, e procurar fazer cursos em mais de uma instituição. Apesar de toda a minha paixão pela UFRGS, me considero afortunada por ter feito a graduação aqui, o mestrado numa escola e o doutorado noutra.”

### XÔ, APOSENTADORIA

“Gosto de mudança. Por isso coordeno o Núcleo de Gestão de Inovação Tecnológica, uma área nova, que não tinha no programa. Gosto de coisas novas e acho que é isso que alimenta a minha vida, que me deixa ativa e sem nenhuma vontade de me aposentar. Eu não gostaria de ser empurrada para fora da Universidade. Gostaria de eu mesma decidir sair. Mesmo que possa ficar como professor colaborador, não será a mesma coisa, não estarei no exercício pleno da minha função. Espero que a lei seja mudada ampliando para 75 anos a idade da compulsória.”